

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

OBRAS PRIMAS

DE

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

7.^a SERIE — NUMERO 28



LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

SUCCESSORA DE

DAVID CORAZZI e JUSTINO GUEDES

40, Rua da Atalaya, 52

FILIAES

Porto: 127, Praça de D. Pedro, 1.^o andar

Brazil, 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1889



1890-1
Com a Exposição
de 1890
Expositão



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

309, Rua da Rosa, 309

1889



Francisco de Sá de Mirada.	15434
	05.02.2015

NOTICIA BIOGRAPHICA

Francisco de Sá de Miranda, um dos mais notaveis poetas portuguezes, foi o chefe da escola classica italiana, e o seu introductor em Portugal. Nasceu em Coimbra a 27 de outubro de 1495. Segundo as investigações interessantes do sr. Camillo Castello Branco, investigações de cujo resultado dá conta o grande escriptor no seu livro ha poucos annos publicado, em que vêm juntamente com a continuação do *Eusebio Macario* uns estudos historicos intitulados *Poetas e raças finas* (Porto, 1881), segundo essas investigações, pois, Francisco de Sá de Miranda era filho do conegô de Coimbra, Gonçalo Mendes de Sá, e de mãe desconhecida. Os biographos que lhe deram outra filiação interpretaram evidentemente mal a noticia de D. Gonçalo Coutinho, que diz assim: «Nasceu Francisco de Sá de Miranda, na cidade de Coimbra, no anno do Senhor de 1495. . . foi filho de Gonçalo Mendes de Sá e neto de João Gonçalves de Miranda e de D. Filippa de Sá, sua mulher.» D'aqui ninguem podia deprehender que Francisco de Sá de Miranda era filho de Gonçalo Mendes de Sá e de sua mulher D. Filippa de Sá. Pois deprehenderam-no todos, até que o sr. Camillo Castello Branco elucidou o caso com o seu trabalho.

Teve seis irmãos, entre os quaes o mais illustre foi Mem de Sá, celebre governador do Brazil. Em Coimbra passou os primeiros annos da sua vida, até que em 1513

ou antes veio estudar para Lisboa na universidade que estava então na capital. Em 1516 estava formado em leis, porque já n'esse anno é tratado por doutor, e já então frequentava a côrte, sendo particularmente bem accedido ao príncipe real D. João, que depois foi D. João III, e já também começava a poetar nos saraus da côrte. Começava n'esse tempo a lucta entre as duas escholas litterarias, uma que mantinha as tradições da Edade-Média, e da poesia nacional, outra que procurava as suas inspirações nos monumentos redivivos da litteratura classica. Em Portugal comtudo, como em toda a parte, no primeiro quartel do seculo XVI, ainda dominava a eschola nacional, ou eschola hespanhola, como lhe chamam alguns, com a mesma razão com que se poderia chamar em Castella á mesma eschola poetica eschola portugueza. Os poetas do *Cancioneiro de Garcia de Rezende*, Gil Vicente e Bernardim Ribeiro eram os ultimos trovadores, os ultimos fazedores de *mysterios* e os ultimos poetas palacianos, como o Ariosto na Italia, e Encina na Hespanha, e Marot em França, eram os ultimos *trouvères* e *chansonniers*, e farsistas da Italia, da França e da Hespanha, mas em todos elles já resplandecia a aurora dos novos tempos, e a Renascença penetrava-os involuntariamente, principalmente a Ariosto, a Gil Vicente, e a Marot, em cujas obras já se sente a ironia que ha de produzir a Reforma, que ha de ser o característico de Ulrich Van Hutten e de Erasmo, e que annuncia o despertar da razão humana.

Sá de Miranda foi como elles, mas, tendo saído do reino em 1521 para uma viagem á Italia, percorreu as cidades mais importantes da formosa peninsula:

Viu Roma, viu Milão e viu Veneza

como elle mesmo diz, demorou-se por lá bastante tempo e voltou ahi por 1526, ou pouco antes, enthusiasnado com o movimento da Renascença, e deseioso de introduzir na litteratura nacional esse poderoso elemento, que se derivava da resurreição dos monumentos greco-latinos. Então foi decididamente o chefe da eschola classica em Portugal, da eschola que pautava as suas obras comicas pelos modelos de Plauto e de Terencio, as suas elegias e cartas pelas de Horacio e de Ovidio, a que substituia a redondilha po-

pular, até então quasi exclusivamente usada, pelo verso hendecasyllabo, e as pastoracs ainda trovadorescas de Bernardim Ribeiro pelos idyllios virgilianos e pelas imitações de Theocrito.

Pouco depois de regressar a Portugal, reco heu-se Francisco de Sá de Miranda a Coimbra, onde residia quando em 1527 D. João III e sua mulher D. Catharina se refugiaram n'essa cidade para escaparem aos flagicios da peste que grassava em Lisboa. Já se deduzira esse facto de uma carta escripta por elle a Pero de Carvalho, em que censura muito os fidalgos que acompanhavam a côrte, e que diziam mal de Coimbra. Mas a publicação de um discurso feito ao rei e á rainha, em nome da cidade de Coimbra, pelo doutor Francisco de Sá, discurso que é evidentemente de Sá de Miranda, veiu confirmar a supposição já feita. Erradamente se jacta o sr. Theophilo Braga no seu livro, *Historia dos Quinhentistas*, a pag. 5^o, de que «esse importantissimo e ignorado documento aqui pela primeira vez se publica.» A *Historia dos Quinhentistas* foi impressa em 1871, e desde 1870 se achava publicado o documento no tomo 9.^o do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio (2.^o do *Supplemento*) a pag. 372.

Com esta residencia de D. João III em Coimbra, se liga um episodio curioso da vida do poeta, a saber — a historia das suas relações com Gil Vicente. Suppõe com razão o sr. Camillo Castello Branco, que essas relações não poderiam ter sido amigaveis. Gil Vicente era o homem da musa antiga, da musa popular faceta, Sá de Miranda o homem da musa moderna, erudita e aristocratica. Emquanto Gil Vicente fazia representar os seus autos, escrevia Sá de Miranda os *Extrangeiros*, á moda da comedia antiga. Além d'isso Francisco de Sá de Miranda allude desagradavelmente a Gil Vicente n'algumas passagens dos seus versos, censurando os que tratam cousas sérias em estylo chocarreiro. Gil Vicente não era homem que perdoasse estas cousas. O sr. Camillo Castello Branco vê no *Clerigo da Beira* uma satyra disfarçada mas pungente, dirigida a Francisco de Sá de Miranda. O sr. Theophilo Braga vê nas comedias de Gil Vicente desejos de ser agradavel a Sá de Miranda, quando fala por exemplo nos

Menezes
Que foram e são mui claros varões

Mas o sr. Camillo Castello Branco vê pelo contrario um epigramma cruel a Sá de Miranda n'estes versos :

Vejo eu portuguezes
Da côrte muito alterados
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Menezes.

Ora effectivamente Francisco de Sá de Miranda ufanava-se de descender dos Menezes pelo lado de sua avó, mas se effectivamente sua mãe era mulher de baixa condição como parece deprehender-se do silencio de D. Gonçalo Coutinho a seu respeito, os versos de Gil Vicente feriam-n'o em cheio.

Em 1531 encontramol-o de novo na côrte em Lisboa, onde D. João III continuava a mostrar-lhe o affecto que lhe tivera emquanto principe. Escreveu por essa occasião a ecloga *Andrés*, que D. Gonçalo Coutinho diz que fôra o motivo d'elle sahir da côrte. Interpreta o sr. Theophilo Braga o caso, dizendo que Francisco de Sá de Miranda alludia n'essa ecloga ao caso escandaloso do casamento do infante D. Fernando, que arrancara D. Guiomar Coutinho ao Marquez de Torres, que ella secretamente desposara, para casar com ella. A interpretação dos versos da ecloga, torcidos pelo sr. Theophilo para lhes encontrar as allusões, é perfeitamente forçada e absurda. O sr. Camillo Castello Branco imagina outra hypothese mil vezes mais verosimil, mas que não satisfaz ainda completamente o espirito. O que nos parece certo é que Francisco de Sá, amando a solidão e o retiro, como era proprio do seu genio melancholico e um pouco misanthropico, possuindo poucos recursos, afflicto pela morte de uma mulher que amára profundamente, e que só é conhecida pelo pseudonymo pastoril de Celia, solicitou a commenda das Duas Igrejas para viver dos seus proventos, a se modo, longe do bulício da côrte, n'uma agradavel solidão. Obteve-a e em 1534 partiu para lá, indo em 1536 viver na quinta da Tapada, uma das quintas da commenda, depois de ter residido algum tempo em casa do seu amigo Antonio Pereira, em Basto. N'esse mesmo anno de 1536 casou com uma senhora, que já não estava na primavera da vida, que estava longe de ser formosa, e que se chamava D. Briolanja de Azevedo e era rimã do poeta Manuel Machado de Azevedo. Uma verdadeira lenda afirma que D. Briolanja era velha e trôpega.

Não era tal, ainda deu dois filhos a seu marido. Feia parece incontestavel que o era, feia como o seu nome. Sá de Miranda porém, curado das paixões humanas, não ambiçionava senão o viver modesto e socegado da familia.

Nunca mais voltou á côrte, e alli na sua quinta da Tapada escreveu a sua comedia dos *Vilhalpandos*, e muitas das suas inimitaveis cartas, e elegias e eclogas, mantendo excellente commercio epistolar com o rei e os principes e os homens notaveis da côrte, entre outros Antonio Ferreira, e convivendo no seu formoso Minho, com espiritos esclarecidos como eram o de seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, o do illustre poeta Diogo Bernardes, o de Antonio Pereira Marramaque, etc. Em 1545 o cardeal infante D. Henrique mandou-lhe pedir as suas comedias para se representarem deante d'elle; em 1555 passou o poeta por um grande desgosto. Morreu-lhe em Ceuta, combatendo contra os mouros, seu filho Gonçalo Mendes de Sá, na mesma refrega em que morria tambem o amigo particularissimo de Camões, D. Antonio de Noronha. D'este profundo desgosto procuraram consolal-o em sentidas elegias os poetas mais seus intimos, entre elles Antonio Ferreira.

Em 1555 morria D. Briolanja de Azevedo, a esposa exemplarissima lame tada por seu marido em sentidissimos versos, que mostram o elevado apreço em que elle tinha a sua boa e virtuosa companheira. Mais do que os versos mostrou o muito que a estimava o pouco tempo que lhe sobreviveu. Não tinha já raizes fundas que o prendessem á terra, e tres annos depois da morte de sua mulher, morreu tambem, a 15 de março de 1558, tendo apenas 63 annos de idade.

Só depois da sua morte se imprimiram as suas obras.

Em 1560 mandou o cardeal-infante D. Henrique imprimir a comedia os *Vilhalpandos*, em 1563 imprimiram-se os *Extrangeiros*. Em 1595 sahiram pela primeira vez as *Obras completas*, que se reimprimiram em 1614 acompanhadas com uma *Vida* do poeta. Em 1622 imprimiram-se as suas comedias juntamente com as de Antonio Ferreira. Em 1626 imprimiram-se as *Satyras* á parte. Em 1626, em 1632, em 1651, em 1677, em 1784, e em 1804 reimprimiram-se as obras. Devemos notar aqui um facto curioso. Referindo-se a pag. 135 da sua *Historia dos Quinhentistas* á edição de 1651, observa o sr. Theophilo Braga: «Citada por Innocencio, *Dicc. t. ix, pag. 371.*» Então como é que no mesmo livro

a pag. 59 diz que se publica pela primeira vez um documento que vira decerto publicado no mesmo *Dicc. t. ix pag. 372?*

Além d'estas obras impressas havia em poder de Innocencio o manuscrito de um poemeto de Sá de Miranda, escripto em redondilhas e intitulado *Vida de Santa Maria Egypciaca.*

Francisco de Sá de Miranda é um vulto importante da poesia portugueza. Se Camões, como os Jeronymos de Belem, significa a resistencia do estylo nacional e da tradição nacional á Renascença classica, Sá de Miranda representa o enxerto da litteratura classica n'um vigoroso rebento nacional. Camões é um poeta nacional que se acha involuntariamente enleado nas prisões do classicismo. Sá de Miranda é já um poeta classico, que não consegue desprender-se dos grilhões da tradiç^o nacional; e o que ha n'elle de nacional é exactamente o que ha de bom e de eterno. Antonio Ferreira esse é já um classico puro, esse representa o triumpho absoluto e completo. Por isso Sá de Miranda por muito tempo padeceu a sorte dos indecisos. Repelliam-n'o os da escola velha que o consideravam um desertor, os da escola nova consideravam-n'o como um barbaro convertido, que ainda conserva a sua antiga rudeza. Nada valem as suas comedias, como nada valem no nosso theatro as peças classicas; o que ha de bom n'elle está nos autos e nas farças. As suas cartas são admiraveis. Como não tem alli a presumpção de imitar Horacio, a penna corre-lhe á vontade e com uma *bonhomia* encantadora. As suas *Satyras* são interessantes, mediocres as suas eclogas, primorosos alguns dos seus sonetos. Francisco de Sá de Miranda é escriptor de uma vernaculidade estreme, o que é incorrectissima é a sua versificação. Tambem o hendecasyllabo era um verso novo, a que não estavam ainda habituados nem a lingua nem os poetas.

(Do *Diccionario Popular.*)

OBRAS PRIMAS

ESPARSAS

I

A vossa Bulla do Amor
Não é para toda a gente,
Perdoa a culpa sómente,
A pena não, nem a dôr.
Assim faz Amor com ella,
Que com uma esperança incerta,
A Leandro Hero á janella
Traz o mal, e a morte certa.

II

Porque podera abafar;
Ouvindo o que nasce mudo,
Com desejos de falar,
Antes se lhe negou tudo.
Ora havendo de nascer
D'ouvir de vós tal desejo,
Porque ouvi se vos não vejo,
Nem vos espero de vér ?

III

Tornou-se-me tudo em vento
Que eu passei cuidado em al,
Apoz tormento e tormento,
Em fim veio cedo o mal,
E tarde o conhecimento.

Eu assim desenganado
Vejo vir males maiores,
O tempo em que sou chegado,
Que posso doer ás dôres,
E dar cuidado ao cuidado.

IV

Do passado arrependido
Seguro d'outro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal o menos mal.
Faça-se o que vós mandaes,
Não nos ouça mais ninguém
Que do mal vosso, e do bem,
Não sei qual quizesse mais.

V

Todas as cousas tem cabo,
Seja paz, ou seja guerra,
Olhae que brada da terra
O meu sangue, e o meu agravo.
Cada hora em tudo ha mudança,
Virá apoz esta, outra tal,
Fazer justiça, e vingança,
Negra da minha esperança
Que me doe mais que o meu mal.

VI

Não vejo o rosto a ninguém,
Cuidaes que são, e não são
Homens, que não vão nem vem,
Parece que avante vão.
Entre o doente, entre o são
Mente cada passo a espia,
E ás horas do meio dia
Andaes entre o lobo, e o cão.

VII

Como não quereis que seja
Meu perigo em todo extremo,
Se minha alma assim deseja
Tudo o de que m'eu mais temo?
E para mór meu tormento
Assim cego, assim alheado,
De tudo o al fui roubado
Senão do conhecimento.

VIII

Quando nos meus erros cuido
No meu claro, e longo engano
Levemente passo o damno
A par de tanto descuido.
Passando a força de braços
Por uns, por outros empeços,
Quão mal que n'estes espaços
Dizem os fins e'os começos!

IX

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

X

Cerra a serpente os ouvidos
A's vozes do encantador,
Eu não que fôra melhor,
Porque agora meus sentidos
Quero perder com tal dôr.

Os que mais sabem do mar
Fogem de ouvir as Sereias,
Eu não me pude guardar,
Fui vos a vér, e escutar,
Fiz minh'alma, e vida alheias.

A PERO CARVALHO

XI

Mandar em tal tempo luvas
Serviço era elle escusado,
Outra cousa fõram uvas,
Outra vinagre rosado.
Certo que outra cousa fõra,
Mas porém,
Ninguem dá o que não tem,
E nem do que tem j'ágora.

CANTIGAS

Cantiga

Que é isto, onde me lançou
Esta tempestade má,
Que de mim se não sou lá,
E cá commigo não vou?

Volta

Inda que me eu cá não via
(Tudo vos confessarei)
Onde a vós e a mim deixei
Cuidava que me acharia.
Agora quem d'onde estou
Novas de mim me trará,
Pois dizeis que não sou lá
Não sei sem mim onde vou.

Cantiga

Commigo me desavim,
Sou posto em todo perigo.
Não posso viver commigo,
Nem posso fugir de mim.

Volta

Com dôr da gente fugia
Antes que esta assim crescesse,
Agora já fugiria
De mim, se de mim pudesse.
Que meio espero, ou que fim
De vão trabalho que sigo,
Pois me levo a mim commigo
Tamanho imigo de mim.

Cantiga

Nascido e creado em meio
De dôres, fez-se a dôr tal,
Que pôde chegar o mal
Onde não pôde o receio.

Volta

Que se eu podera algum'hora
Em tanto tempo cuidar
De vêr tamanho pesar,
Podera-o soffrer agora.
Mas que farei se a dôr veiu
Crescendo a fazer-se tal,
Que poz ávante o final
D'onde o puzera o receio.

Cantiga

Sortes e venturas são
Os males que me fazeis,
Se tendes razão, se não
Senhora, vós o sabeis.

Volta

Posto que eu quanto padeço
C'o o mais que de vós espero,
Quero-o se vol-o mereço,
E se não tambem o quero.
E que agora o não cuideis
Annos e tempos farão,
Que o que por razão haveis
Inda hajaes por sem razão.

Cantiga

Razão e tempo seria
De vér a sua vaidade,
Aquella cega vontade,
Que tão cegamente guia.

Volta

Se pudéra um grande imigo
Fazer mais? certo é que não,
Por mimos do coração
Inda tudo o peor sigo.
Vou-me assim de dia em dia,
Olhos de longe á verdade,
Entretanto esta vontade,
Assim cega guia, guia.

Cantiga

Nada do que vês é assim
Traz os olhos não te abales,
Tudo é tirem-me d'aqui
Matem-me n'ess'outros valles.

Volta

Posto que al te assim parece
 D'este sonho e mostra vã,
 Por de fóra resplandece
 Dentro não ha cousa sã.
 Corri montes, corri valles
 Cego cuidado apóz ti,
 Deixa-me morrer já aqui
 Não me mandes vér mais males.

Cantiga

Foi-me grande agravo feito,
 Ser-me-hia ora máu de crér,
 Quem m'o fez, pode-o fazer,
 Ou a torto ou a direito.

Volta

Estava ordenada uma hora
 Veiu, não houve hi tardança,
 E levou-me uma esperança
 Que se não fóra, eu não fóra.
 Que remedio ao que ó já feito,
 Quem o fez tinha o poder,
 Eu já que posso fazer
 Mais que gemer em meu peito?

Cantiga

Cego d'este meu desejo
 Mal dos males, mór dos móres
 Que não daria estas dôres
 Por quantos prazeres vejo.

Volta

Meu mal tudo tem por si,
Tão cégamente deseja,
Que inda não vejo nem vi
Cousa que me faça inveja.
Teve este mal os seus meios,
Com que aprouve a sua dôr,
Mas trago inda os olhos cheios
Que hei de vêr cedo outro mór.

Cantiga

O coração que vos vê
Aos olhos que vos não vêm,
Não nos culpe, que não tem
Alguma razão porquê.

Volta

Cada hora estes olhos canço
Por estes montes arriba,
Que á vista curta e captiva
Tolhem todo o seu descanço.
Deixem-nos cegar que tem
Chorando razão porque,
Buscou-vos alma, e lá é,
Elles cá choram d'aquem.

Cantiga

Toda esperança é perdida.
Tudo veiu a fallecer,
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.

Volta

Aquella esperança minha
Assim fraca e vã como era,
C'os olhos que eu n'ella tinha
A todo mal me atrevera.
Ora ella está ja perdida
Mas não me hão de fazer crêr,
Que não ha mais n'esta vida
Senão nascer e morrer.

Cantiga

Por estes campos sem fim
Onde a vista assim se estende,
Que farei, triste de mim,
Pois vêr-vos se me defende?

Volta

Todos estes campos cheios
São de saudade e pesar,
Que vem para me matar
Debaixo de céos alheios.
Mal sem meio, mal sem fim,
Dôr que ninguém não na entende,
Até quão longe se estende
O vosso poder em mim!

Cantiga

Pois meu mal com quanto é,
Inda a crueldade é mór,
Ao menos faça esta dôr
Ante vós fé de tal fé.

Volta

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado,
Mas d'homem desenganado
Nunca extranheis desenganos.
Que sem causa, e sem porque
Traz um mal, outro mal mór
Mas de mim seja o que fôr
Lem!re só que é peia fé.

Cantiga

Tudo passa como um vento
Um mal sempre me é presente,
Que ao coração innocente
Cada hora põe a tormento.

Volta

A's voltas co'umas suspeitas
Contas fiz, contas desfiz,
Mas estas depois que as fiz
Foram para sempre feitas.
Jaz alto seu fundamento
N'este bravo fogo ardente,
Por quem culpado se sente
Morra o sem culpa a tormento.

Cantiga

Olhae a que sorte estreita
Senhora minh'alma é vinda,
Na vida infinda suspeita,
Na morte saudade infinda.

Volta

Quem me dará novas penas
Inda que o mais tudo tolha,
Com que vôle, e que me acolha
Do meio de tantas penas?
A sahida agra, e estreita
Causarão tanta ida, e vinda,
Da vida lança a suspeita,
Da morte saudade infinda.

Cantiga

Se me este cuidado atura,
Que me persegue e que eu sigo
A vida está em perigo
E a alma pela ventura.

Volta

Bem sei tudo o que ha de ser.
Mas é de tanto pesar,
Que hei medo de o dizer
E medo de o cuidar.
Não vejo cousa segura
Seguro é só o perigo,
E o que agora não digo
Deixae fazer á ventura.

Cantiga

Alma tão sem assocego,
Que nem d'este ar me farto
D'onde co'um queixume chego,
Com mil queixumes me parto.

Volta

Nas cousas em que alguma hora
Esperei de ter repouso,
Triste de mim que já agora
Sómente cuidar não ousou.
A que fraqueza que chego
Em quantas partes me parto,
Por este coração cego,
Nunca de seus males farto?

Os meus perigos medonhos,
Em que alma cada hora empeça
Os ventos, nevoas, os sonhos
Que não teem pés nem cabeça.
O que com a lingua nego
Por muitos signaes reparto
Em poder d'aquelle cego,
De cujo poder não parto.

Mal as noites, mal os dias
Com medos, e com suspeitas
Fazendo contas baldias
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desassocego
Com que chego, e com que parto
Com vêr tanto, e com ser cego,
Todos do que encubro farto.

Cantiga

Mal de que me eu contentei,
A conta feita está já,
Agora descançarei,
Se me segue matar-me-ha
Se me deixa matar-me-hei.

Volta

Nas cousas que não ha meio,
Escusado é cançar mais,
Ir de receio em receio,
E de signaes em signaes
Espreitando o bem alheio.
Em vão cá e lá cançei,
Tudo me é tomado já,
Agora descançarei.
Que este mal me matará,
Se não eu me matarei.

Cantiga

Uma morte hei de morrer,
Que faz mais assim que assim,
Isto não posso soffrer
Haverem-se de perder
Os olhos com que vos vi.

Volta

Os olhos, por que passaram
Os vossos ao coração,
Onde para sempre estão,
São estes que me ficaram
Para minha salvação.
Mas se mda os hei de perder
Afóra quanto perdi,
Acabarei de morrer,
Acabarei d'entender
Para quanto mal nasci.

Cantiga

Ledo em meus males sem cura,
E nos descansos cançado,
Querendo, e sendo forçado
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado.

Volta

Assim me tem repartido
Extremos, que não me entendo
De toda a parte corrido,
De toda desacorrido,
Em nenhuma me defendo.
A vida está mal segura
Mas eu quero este cuidado,
Que mal tão bem estimado
Em tanta desventura
Me faz bemaventurado.

Alheia

En toda la tramontana
Nunca vi cosa mejor,
Que era la esposa de Anton
Vaquerizo de Morana.

Voltas

N'aquelle longo desterro,
Que eu por vontade escolhi,
(Quer fôsse razão, quer erro
Quiz o coração assim)
Vi uma visão ufana;
A's vezes cuido que não
Fôsse verdade, ou visão;
Ia em trajos de serrana.

Não era o coração quedo
 Indo, e tornando a miude,
 Ora a prazer, ora a medo ;
 Tive-me o melhor que pude.
 Quantos bens me a sorte damna,
 Brada quem a vê em vão ;
 Tal como era, era d'Antão
 Um vaqueiro de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,
 Vivei bemaventurados,
 E porém ouvidos tristes
 Para tanto mal guardados.
 Que é isto que assim me engana
 Que a assim despreza a razão ?
 Suspirava por Antão
 Quem não tem nada de humana.

Cantiga

De quem me devo queixar ?
 De vós que pudera ser,
 Não vos sabe alma culpar
 Fica sómente o soffrer,
 Se mais fica é suspirar.

Voltas

Os meus suspiros té'gora
 Quasi eram contentamentos
 Tambem de prazer se chora,
 Entraram males de fóra,
 Não um, não dois, mas seiscentos.
 E não lhes bastou entrar,
 Mas inda sempre a crescer,
 Onde ha isto d'ir parar,
 Não fica senão soffrer
 Ao mudo do suspirar.

Ora os suspiros que são,
Salvo ar espalhado ao vento,
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão
Deixam tudo ao entendimento.
Que me eu quizesse queixar
Quem me poderia crer ?
Deixae já venha o pesar,
Que pode o pouco empecer,
Que pode o muito durar ?

Alheia

N'aquella alta serra
Me quero ir morar,
Quem me quizer bem,
Quem me bem quizer
Lá me irá buscar.

Volta

N'estes povoados
Tudo são requestas,
Deixae-me os cuidados
Que eu vos deixo as festas;
D'aquellas florestas,
Verei longe o mar,
Pôr-me-hei a cuidar.

Sombras, e aguas frias
Quando o sol mais arde,
Depois, sobre a tarde,
Por cá bradarias,
Vés, que pressa os dias
Levam, sem cançar,
Nunca hão de tornar.

Não julgue ninguém
Nunca outrem por si,
Mais de um bem que ouvi

A vida não tem,
 Não deixa este bem
 Onde se elle achar
 Mais que desejar.

Deixa as vaidades
 Que da mão á bôcca
 O prazer se troca,
 Trocam-se as vontades;
 Essas vãs saudades
 Armadas no ar,
 Que podem durar?

N'aquella espessura
 Me hei d'ir esconder,
 Venha o que vier,
 Achar-me-ha segura,
 Se tal bem não dura,
 Ao seu trespassar
 Tudo ha de acabar.

Cantiga

Até quando me tereis
 N'esta dôr que por vós quiz?
 Os serviços que vos fiz
 Quando m'os perdoareis?

Volta

Não ser vosso não é em mim,
 Isto quereis-m'o acoimar,
 Que perdão posso esperar
 Se esta alma é vossa sem fim?
 Se me tanto mal fazeis
 Por serviços que vos fiz,
 O bem que vos quero, e quiz
 Quando m'o perdoareis?

Cantiga

Entre temor, e desejo
Vã esperança, e vã dôr,
Entre amor, e desamor
Meu triste coração vejo.

Volta

N'estes extremos captivo
Ando sem fazer mudança,
Se já vivi d'esperança
Agora de chorar vivo.
Contra mim mesmo pejejo
Vem de uma dôr, outra dôr
Vem de um mal outro mal mór
De um desejo mór desejo.

VILANCETES

Vilancete

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Volta

Que vida ha de ser a minha,
Por tempos, nem por mudanças,
Que possam vir ? pois não tinha
Mais bem que estas esperanças ?
Agora ás desconfianças,
A's suspeitas, que farei ?
Como me defenderei ?

Conselhos mal atinados
O tempo ao menos vos cançe ;
Partam, cuidados, e vão-se,
Mas porém, ó que cuidados !
Deixemos erros passados
Em que eu por meu mal entrei,
E por meu mal sahirei.

Vilancete

Que mal avindos cuidados
Me tomaram entre si,
Nunca taes cuidados vi.

Volta

A minha alma não repousa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro d'ella contraria
Toda a cousa a toda a cousa;
O cuidado que mais ousa,
E que mais confia em si,
Ora é assi, ora assi.

Que me quer este receio
Inda sobre meus agravos,
Tem-me tomados os cabos
Não tendo meus males meio;
Já não confio, nem creio,
Já confiei, e já eri.
Mal assi, e mal assi.

Inda se isto ser pudesse
Que por tempo se faria,
Que uma hora me não temesse
Isto me desencançaria;
Mas não vejo, porque via
Se possa fazer que assi
Não morra como vivi.

Vilancete

Em pago d'aquella dôr,
Que eu tão mal vos merecia,
Se verei inda algum dia?

Volta

Se vos senhora aprouvesse
 De vêr esta minha fé
 Uma hora só antes que
 Morresse, depois morresse;
 Quem tal esperar pudesse
 Com todo o mal poderia,
 Co'os olhos n'aquelle dia.

Alheio

Por malos embolvedores,
 Pierdo triste mis amores.

Voltas

A um só descanço, que eu tinha,
 A uma só esperança
 D'onde veiu tão asinha
 Uma tamanha mudança?
 Que se fez da confiança,
 Com que nos tormentos môres
 Eu soffria as minhas dôres?

Se havia o ser de ser tal
 Melhor fôra antes não ser,
 Houvesse-me inveja ao mal
 Que ao bem mal podera ser;
 Já vejo vir a correr
 Sobre mim meus matadores,
 E fugir os valedores.

Males que eu tanto estimava
 Quem se nos metteu no mei,
 Em tempo que eu mais andava
 Sem suspeita, e sem receio?
 Que grand'engano, que enleio?
 Que enjeitam os servidores,
 E querem antes senhores.

Vilancete

Coração onde estivestes
Que tão má noite me destes?

Volta

Toda a noite pejejei
Eu, que já mais não podia;
Busquei-vos, não vos achei,
Sem vós eu só que faria?
Destes-me dôres de dia,
Pelo que assim me fizestes
De noite dôres me destes.

Vilancete

Se meu tormento me desse
Logar para cuidar n'elle,
Não me queixaria d'elle.

Volta

Foi-me dado um só momento,
Desde então pude atinar,
Que não fôra elle tormento,
Se me déra este vagar.
Não m'ô quizera mais dar,
Porque pudera com elle
Ter vida, e morro sem elle.

Vilancete

O' meus castellos de vento,
Que em tal cuyta me puzeste
Como já vos deslizestes?

Volta

Cahistes-me tão asinha,
 Cahiram-me as esperanças,
 Isto não fôram mudanças,
 Mas fôram a morte minha,
 Castellos sem fundamento
 Quanto que me promettestes,
 Quanto que me fallecestes?

Armei castellos erguidos
 Esteve á fortuna queda ;
 (E disse) gôstos perdidos
 Como is a dar tão gran quéda ?
 Mas ó fraco entendimento
 Em que parte vos puzestes
 Que então me não soccorrestes?

Vilancete

Deixae-me as minhas tristezas
 Que j'agora outra alegria
 Maior perigo seria.

Volta

Os males acostumados
 O mesmo costume os cura
 Bens tão vamente esperados
 Quem os soffre, quem os atura ?
 Criei-me com meus cuidados
 J'agora não saberia
 Andar n'outra companhia.

Vilancete

O meu mal pude-o soffrer ;
 Este, porque todo é vosso,
 Que vos não dôa não posso.

Voltas

Vós passaed-o alegremente
Mal hajam os maus signaes
Que então são elles mortaes
Quando homem seu mal não sente :
Nada sentis ao presente,
Quanto vos custa este vosso,
Assim quero e assim posso.

Mas se ahí ha péso e medida,
Nem de todo é tudo vento,
Tambem o meu sentimento
Póde ser signal de vida ;
Oh ! esperança comprida,
Que eu sómente pelo vosso
Esperar tanto não posso.

Vilancete

Estes meus olhos que assim
Lisonjeiam á vontade,
Se lhe falarão verdade ?

Volta

Hei medo que não falem
Não me fio no que vejo
São segredos do desejo
Contra quem olhos não valem :
Não são, para mais que assim,
Andar ao som da vontade
Chorando a necessidade.

Alheio

Saudade minha,
Quando vos veria ?

Voltas

Por terra já assi
 Tudo, em tal mudança,
 Que faz vida aqui
 Nenhuma esperança?
 A minha lembrança.
 A minha porfia,
 Que mais aporfia?

Que faz um desejo
 Tão desenganado?
 Que faz o sobejo
 D'este meu cuidado?
 Commigo aferrado
 Quando anoitecia,
 Quando amanhecia.

Saudade e suspeitas
 A torto e a direito
 Não sereis desfeitas
 Quando eu fôr desfeito;
 Inda frio o peito
 Inda a lingua fria
 Por vós bradaria.

Alheio

Pois os meus olhos são vossos,
 Que faço eu
 Em dar a seu dono o seu.

Voltas

Quantos conselhos se dão
 Aos o hos com que vos vi,
 Um diz assi, outro assi,
 Razões que não vem, nem vão,
 Vou-me após o coração,
 Que vos já deu
 Quanto soia a ser seu.

Tudo é em vosso poder
 De livre que eu aqui vim
 Não deixastes nada em mim,
 Nem olhos que al possam vér;
 Mas como podia ser
 Vér-vos eu,
 E ter mais nada de meu ?

Alheio

Que vos farei meu cuidado,
 Onde vos trarei mettido
 Que não sejaes entendido ?

Volta

Descobris-vos cada hora,
 Cuidei que era á minha mingua,
 Mas emquanto védo a lingua
 Sahis pelos olhos fora;
 E não cuidaes que me fôra,
 Melhor nunca ser nascido,
 Que ser meu mal entendido.

Alheio

Desenganei um cuidado
 Da parte do coração
 Com uma desesperação.

Volta

Tenho a conta feita e cheia,
 O que ha de ser, seja logo,
 Pelo ferro e pelo fogo,
 Que não é a morte tão feia,
 Vivi á vontade alheia
 Morra a minha, e quando não
 Apesar do coração.

Alheio

Quem cuidar e quem disser,
Que de matar sois servida,
Não sabe que cousa é vida.

Voltas

Não é damno o que não damna,
A morte de vossa mão
Não é morte, é nome vão,
Que á primeira face engana,
Onde não ha cousa humana,
Tudo esp'rito e tudo vida,
Mal vae a morte escondida.

Fica-se porém julgando
Entre uma, entre outra sorte,
Se daes vida dando a morte,
Que fareis a vida dando ?
A fé que vae embicando,
Não vé dos olhos tal vida
Sómente porque duvida.

Alheio

Pelo bem, mal me quizestes,
E eu nunca tenha prazer
Se mal vos posso querer.

Volta

Fôra ella razão igual,
Mas véde as leis que amor tem,
Que em vez de vos querer mal
Assim vos quero mór bem;
E passo tanto inda além,
Do que esto mal sóe fazer,
Que me venho aborrecer.

Alheio

Que posso de vos dizer,
Pois que não posso chegar
C'o desejo a vos louvar?

Voltas

Esta vã vaidade minha
Que tão ousada começa,
Está sem pés nem cabeça
Não deu começo ao que vinha:
A vã que só se mantinha
Como camaleão do ar,
Não se atreve a desejar.

Forças que vos enganaes
Cuidando em tão altos vôos,
Já n'estes começos taes
Imos acabando nós;
Senhora a quem vos lá pôz
Tão alta, ha graças que dar,
E a vós que nos perdoar.

Quem será de vêr-vos digno?
Vi-vos, foi alma pasmada,
Fui assim como um menino,
Que vê, que s'espanta e brada,
Não sabe mais dizer nada;
Póde-se a vêr-vos chegar
O mais é tudo pasmar.

Alheio

Acostumei-me a meus males
E já acostumado a elles
Andam por me apartar d'elles.

Volta

Ah! que cruel tyrannia,
Não sei que nome lh'õ ponha,
Não me dóe de uma peçonha
De que eu j'agora vivia;
Quando meus males sentia,
Quando me queixava d'elles
Lá me aviesse com elles.

Mas depois que já mais brando
Sentia o mal por costume,
Viram-me andar sem queixum.
Matam-me remedios dando;
Tudo se vae revezando,
Males que tremia eu d'elles
Morro com saudade d'elles.



VÁRIAS

NA PRISÃO DE UM SEU GALLEGO

I

Inda que me eu ria e calle
E me faça surdo e cego,
Bem sei eu, porque o do vale
Correu tanto ao meu Gallego.
Como com ladrão fez festa,
Mas inda mal a la fé,
Porque um escripto na testa
Não traz cada um de quem é.

II

Entre claros, entre escuros
Homens de seiscentas côres
Andam por aqui seguros
Não lhe saem corredores.
Após quem torna por si,
E primeiro mata ou morre,
Não corre o do valle assim,
Após um tôle assim corre.

III

Bom matador, bom ladrão,
Que, fugindo, arma entretanto,
Deixa acolher Bastião
Que pica, e não rende tanto.
Vive pela tua penna,
Outrem prende, outrem condemne
Nunca toques no da penna
Em que te as barbas dêpenne.

IV

Escreves pelo ribeiro,
Anda só ao que é proveito,
Has de pagar-lhe o dinheiro,
Ganhe-se a torto e a direito.
Deixa andar os encartados
Que tem cheios os caminhos,
De virotões ouriçados
Que são quaes porcos espinhos.

V

Come e bebe, pois te presta,
Não cures das assuadas
Com que vem juntos á festa
Tendo-vos todos em nadas.
E onde vires um coitado,
Que em te vendo perde a côr,
Ferra d'elle, homem ousado
Não se vá tão mau feitor.

VI

Executores da lei,
Havei vergonha algum dia,
Este chama aqui-del-rei,
Est'outro chama á valia.
O outro diz em Portugal
De varas não ha hi mingua,
Desata a bolsa que val,
Traze sempre atada a lingua.

A ANTONIO DE SÁ

FUGINDO-LHE UNS SEUS MOÇOS

I

Partiu Francisco florido,
As más novas ogo soam,
As aves mudadas vôam,
Creados mudam vestido,
E mais se armadas atroam.
Diz o pae de Salomão,
Que é homem para alegar
Se vos lembra em que logar,
Quem me comia o meu pão
Tratava de me enganar.

II

Que graça me já contaram
Ha dias d'um Castelhana
A quem creados tal damno
Por vezes lhe assim causaram,
Do seu pão, e do seu panno.
Veiu o seu dia, e achou
Moços de novo emmentados,
Como os viu adormentados
Os vestidos lhes furtou,
E fugiu aos seus creados.

CARTAS

A EL-REI D. JOÃO III

Carta primeira

Rei de muitos reis, se um dia,
Se uma hora só mal me atrevo
Occupar-vos, mal faria,
E ao bem com-nun não teria
Os respeitos, que ter devo.

II

Que em outras partes da 'sphaera
Em outros céos differentes,
Que Deus tégora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vossos mandados espera.

III

Que sois vós tal, qu'elles sós,
Justo e poderoso Rei,
Ou lhes desdaes os seus nós,
Ou cortaes, porque entre nós
Vós sois nossa viva lei.

IV

Onde ha homens ha cobiça,
Cá e lá tudo ella empeça,
Se a santa, se a igual justiça
Não corta ou não desempça
O que a má malicia enliça.

V

Senhor que é muito atrevida,
E onde ella nós cegos deu
Cortar é cousa devida :
Exemplo o jugo de Mida
Que el-rei vosso avô fez seu.

VI

Ora eu, que respeito havendo
Ao tempo mais que ao estylo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os cães do Nilo,
Que correm, e vão bebendo.

VII

A dignidade real
Que o mundo a direito tem,
Sem ella ter-se-hia mal,
E' sagrada, e não leal,
Quem limpo ante ella não vem.

VIII

Não falemos nos tyrannos,
Falemos nos reis uígidos,
Remedeiam nossos damnos,
Soccorrem os affligidos,
Cortam pelos maus enganos.

IX

As vossas vellas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão,
Gente d'outro algum rei solta,
Sem cabeça o corpo é vão.

X

Dignidade alta e suprema
Quem ha que a não reconheça?
Viu-se em Marco Antonio, thêma
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

XI

Que o nome de imperador
D'antes a Cesar se déra,
Sem suspeita e sem temor,
Que inda então muito mais era
Ser consul, ser dictador.

XII

Um rei ao reino convém,
Vemos que alumia o mundo
Um sol, um Deus o suestem,
Certa a quéda e o fim tem,
O reino onde ha rei segundo.

XIII

Não ao sabor das orelhas,
Arenga estudada e branda,
Abastam as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu rei seguem as abelhas.

XIV

A tempo o bom rei perdôa,
A tempo o ferro é mésinha;
Forças e condição boa
Deram ao Leão corôa
Da sua grey montezinha.

XV

As aves, tamanho bando
D'outra liga e d'outra lei,
Por vencer todas voando
A aguia foi dada por rei,
Que o sol claro atura olhando.

XVI

Quanto que sempre guardou
David, lealdade e fé
A Saul, quanto o chorou,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé.

XVII

Onde cahira o escudo
Do seu rei inda que imigo,
Inda que já mal sizudo
Sahindo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.

XVIII

O Senhor da natureza
De quem céo e terra é cheia,
Vindo a esta nossa baixaza
Do real sangue se preza:
Por Rei na Cruz se nomei.

XIX

Sobre obrigações tamanhas
Velem se contudo os reis,
Dos rostos falsos, das manhas,
Com que lhe querem das leis
Fazer teias das aranhas.

XX

Que se não póde fazer,
Por arte, por força, ou graça,
Salvo o que a justiça quer,
Senhor não cbamam valer,
Salvo ao que lhes val na praça.

XXI

E por muito que os reis olhem
Vão por fóra mil inchaços,
Que ante vós Senhor se encolhem
D'uns gigantes de cem braços
Com que dão, e com que tolhem.

XXII

Quem graça ante el-rei alcança,
E hi fala o que não deve,
Mal grande da má privança,
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra bebe.

XXIII

Quem joga onde engano vae,
Em vão corre, e torna atraz,
Em vão sobre a face cae,
Mal hajam as manhas más
D'onde tanto damno sae.

XXIV

Homem de um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer,
Ele tudo pôde ser,
Mas de corte homem não é.

XXV

Gracejar ouço de cá
De quem vae inteiro e são,
Nem se contrataz mais lá,
Como este vem aldeão,
Que cortezão tornará?

XXVI

As santidades da praça,
Aquelles rostos tristonhos,
C'os quaes este e aquelle caça.
Para Deus senhor é graça,
Para nós tudo são sonhos.

XXVII

E os discursos que fazemos,
Pôde ser, não pôde ser,
Mais deante o entenderemos
Agora mortos por vêr,
Então todos nós veremos.

XXVIII

Senhor, hei-vos de falar,
(Vossa maldade me esforça)
Claro, o que posso alcançar,
Andam para vos tomar,
Por manhas, que não por força.

XXIX

Por minas trazem suas azes
Os rostos de tintureiros,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fóra mansos cordeiros,
De dentro lobos roazes.

XXX

Tudo seu remedio tem,
E que assim bem o sabeis,
E ao remedio tambem,
Quereil-os conhecer bem,
No fructo os conhecereis.

XXXI

Obras, que palavras não,
Porém, senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão,
Tresmalham-se-vos os fructos,
Que não sabeis cujos são.

XXXII

Um que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde,
O damno longe se estende,
Aquelle a quem dóe e entende,
Com só suspiros responde.

XXXIII

A vida desaparece,
E entretanto geme e jaz,
O que caliu, e acontece,
Que d'um mal que se lhe faz,
Outro mór se lhe recresce.

XXXIV

Pena e galardão equal,
O mundo a direito tem,
A uma regra geral,
Que a pena se deve ao mal,
É o galardão ao bem.

XXXV

Se alguma hora aconteceu
Na paz, muito mais na guerra
Que a balança mais pendeu,
Faz-se engano ás leis da terra
Nunca se faz ás do céo.

XXXVI

Entre os Lombardos havia
Lei escripta e lei usada,
Como se sabe hoje em dia,
Que onde a prova fallecia
Que o provasse a espada.

XXXVII

Alli no campo ás singellas,
Emfim morrer ou vencer,
Fôsse qual quizesse d'ellas,
Não era melhor morrer
A ferro, que de caueias?

XXXVIII

Ao nosso alto e excellente
D. Diniz, rei tão louvado,
Tão justo, a Deus tão temente,
Falsa e maliciosamente,
Foi grande aleave assacado.

XXXIX

Elle posto em tal perigo,
Rei que reis fez e desfez
Contra o malicioso imigo,
Foi-lhe forçado esta vez
Chamar-se a esta lei que digo.

XL

E juntamente ás cidades
A quem cumpriu de acudir,
Pelas suas lealdades,
Que tão más são as verdades
A's vezes de descobrir.

XLI

N'este tempo quem mal cõe,
Mal jaz, e dizem que á luz
Por tempo a verdade sae,
Entretanto põem na cruz
O justo, o ladrão se vac.

XLII

Da mesma casa real,
Em verdade um grande infante
Tratado ás escuras mal,
Bradava por campo egual,
E imigos claros deante.

XLIII

Emfim vendo a industria e arte
Quanto que podem, chamou
Um leal conde de parte,
Só c'o elle se apartou
Foi viver a melhor parte.

XLIV

Onde tudo é certo e claro,
 Onde são sempre umas leis,
 Príncipe no mundo raro,
 Sobre tanto desamparo
 Foram tres seus filhos reis.

XLV

O' senhor, quantos suores
 Passa o corpo, e alma em vão,
 Em poder d'envolvedores,
 Emfim batalhas que são?
 Salvo desafios môres.

XLVI

Com a mão sobre um ouvido
 Ouvia Alexandre as partes
 Como quem tinha entendido,
 Por fazer certo o fingido,
 Quantas que se buscam d'artes.

XLVII

Guardava elle o outro inteiro
 A' parte não inda ouvida,
 Não vae nada em ser primeiro,
 Quem muito sabe duvida,
 Só Deus é o verdadeiro.

XLVIII

A tudo dão novas côres
 Com que enleiam os sentidos,
 Ah! maus, ah! enliçadores,
 Ante os reis nossos senhores
 Andaes com rostos fingidos!

XLIX

Contaes, gabaes, extendeis
Serviços e lealdades,
Olhae que não nos danneis,
Falae em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

L

Senhor, nosso padre Adão
Peccou, chamou-o o juiz,
Tenha que dizer ou não
Ahi sua fraca razão,
Porém livremente diz.

LI

Sempre foi, sempre ha de ser,
Que onde uma só parte fala,
Que a outra haja de gemer,
Se um jogo a todos eguala,
As leis que devem fazer ?

LII

Vidas e honras guardaes,
Debaixo de vosso amparo,
D'extranhos e naturaes,
Suspiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.

LIII

Tambem após aquella arde
A cobiça da fazenda,
Por mais que se velle e guarde,
Tinha ella melhor emenda
Se não fôsse mal e tarde.

LIV

Geralmente é presumptuosa
Hespanha, e d'isso se preza,
Gente ousada e bellicosa,
Culpam-na de cobiçosa,
Tudo sabe vossa alteza.

LV

Pensamentos nunca cheios,
Não tem fundo aquelles saccos
Inda mal, porque tem meios
Para viver dos mais fracos,
E dos suores alheios.

LVI

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores,
Com nome, e rosto de honrados
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.

LVII

E senhor não me creaes
Se as não acham mais finas,
Que as de lobos cervaes,
Que arminhos que zebelinas,
Custam menos, cobrem mais.

LVIII

Ah! senhor, que vos direi
Que acode mais vento às vellas,
Nunca se descuide o rei,
Que inda não é feita a lei,
Já lhe são feitas cautelas.

LIX

Então tristes das mulheres,
Tristes dos orfãos coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem falar são ousados
Deante os môres poderes.

LX

Os quaes quem os assim quer
Quem os negoceia assim,
Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser,
Tomaram-os para si.

LXI

Ora já que as consciencias
O tempo as levou consigo,
Venhamos ás penitencias,
Senhor, se eu vira castigo
Boas são as residencias.

LXII

Mas eu vejo cá na aldeia
Nos enterros abastados,
Muito padre que passeia,
Emfim, ventre, e bolsa cheia
Absoltos de seus peccados.

LXIII

Se se hão de reconciliar
Uns c'os outros tem seu trato,
Basta-lhes só acenar,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo de confessar.

LXIV

Senhor, esta vossa vara
Em quaes mãos anda, tal é,
A boa é ave mui rara,
Sabei que esta nunca é cara,
Que seja muita a mercê.

LXV

Livre de toda a cubiça
A Deus temente e a vós,
Sem respeito e sem preguiça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja ahí justiça.

LXVI

Tomae senhor o conselho
Do bom Gethro ao genro amigo,
E' verdade, é Evangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humildemente vos digo.

LXVII

Que estas leis Justinianas,
Se não ha quem as bem reja,
Fôra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões francas e ufanas.

LXVIII

Morre o nobre Conradino
C'o parceiro em tudo igual,
Cada um de tal morte indino
Pelo pesado ou malino
Doutor, que interpreta mal.

LXIX

Diz o texto: O sangue cesse
Por batalha a guerra finda,
Vem com grossa outro interesse,
Diz que ande o cutello, ainda
Que em prisão certo o tivesse.

LXX

Mas, senhor, melhor o temos
Sendo vós o que mandaes:
Todos nos revolveremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

LXXI

Que p. r amor se encadeia
(Não é nome errado, ou novo)
Se por livre se nomeia
Não tem rei amor de povo
Tanto, em quanto o mar rodeia.

LXXII

Aqui não vemos soldados,
Aqui não sôa o tambor,
Outros reis, os seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vós rodeado de amor.

LXXIII

Achar-nos-hão as divinas
No meio dos corações
Entalhadas vossas quinas,
Estas são as guarnições,
De vós, e dos vossos dignas.

LXXIV

Tem na verdade o Francez
A seu rei amor acceso,
Não lh'o nega o Portuguez,
Porém traz guarda Escocez
Que não é de pouco péso.

LXXV

O Padre Santo assim faz,
A quem certo se devia,
Alto socogo alta paz;
Mas tem guarda todavia
Com que vae seguro e jaz.

LXXVI

Que se póde ir mais ávante,
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro ou fogo que espante,
Com duas cannas deante,
His amado e his temido.

LXXVII

Uns sobr'os outros corremos
A morrer por vós com gôsto
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deus, e por vós morremos.

LXXVIII

Outro sim para os revezes
(Queira Deus que não releve)
Em vós tem os Portuguezes
O bom rei de Athenienses
Codro, que outrem algum não teve.

LXXIX

Do vosso nome um grão rei
N'este Reino Lusitano
Se pôz esta mesma lei:
Que diz o seu Pelicano
Pela lei e pela grei.

LXXX

Mas eu sou d'uns guarda-cabras
Que se vão de ponto em ponto
Querem só duas palavras,
Que dos gados, que das lavras,
Depois não tem fim, nem conto.

LXXXI

Assim que seja aqui fim,
Tornem as praticas vivas,
Perdestes meia hora em mim,
Das que chamam successivas,
Estes que sabem latim.

A ANTONIO PEREIRA

SEÑHOR DE BASTO

Carta segunda

1

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crescer em cêrcas e em gasto
Vi por caminhos tão maus,
Tal trilha, e tamanho rasto.

II

N'essa hora os olhos ergui
A' casa antiga e á torre,
Dizendo commigo assim,
Se nos Deus não vale aqui,
Perigoso imigo corre.

III

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não sóa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro d'esta cannella
O reino nos despovôa.

IV

E que algum embique e caia
(Longe vá o mau agouro)
Falando por essa praia,
Das riquezas de Cambaya,
Narsinga, das serras d'ouro.

V

Ouves Viriato o estrago
Que cá vae nos teus costumes,
Os leitos, mesas e os lumes
Tudo cheira, eu oleos trago,
Vem outros, trazem perfumes.

VI

N'isto os trajos dos pastores
Com que sahiste á pejeja,
Vencendo taes vencedores,
São trocados, e aos louvores
Não ha já quem te haja inveja.

VII

E' entrada pelos portos,
No reino clara peçonha,
Sem que remedio se ponha,
Uns doentes, outros mortos,
Outro pelas ruas sonha.

VIII

Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos e o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo hei de novo á riqueza,
Que nos torne a captivar.

IX

Estas serras e os penedos,
Vistas, se vos fazem feias,
Já torceis rosto ás aldeias,
Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cyncas.

X

A quem nos convites dado
Approvar se lhe aprouvesse,
Depois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forza assim merecesse.

XI

As vozeiras montarias
Derribar aves que vão
Cantando inverno e verão,
Que al he, senão remir dias
Do enfadamento aldeão.

XII

Que trabalhosos concertos
Os de villãos mal creados,
Os de villãos mal cobertos,
Os de villãos pouco certos,
Muitos desarrazoados.

XIII

Direis e não vol-o nego,
Porém quereis que vos diga
Este mundo é armado em briga
Não busqueis n'elle socego
Nem em uma alta ermida antiga.

XIV

Mas comtudo ha differenças
Entre os de cá e os de lá;
Cá nas mais das desavenças
Vós creis o das sentenças,
Lá em baixo outrem as dá.

XV

Tereis em troca manjares,
Composições delicadas
Do ar do paço ajudadas,
E por tempestuosos mares,
Com mil perigos buscadas.

XVI

Convites de quem convida,
Amostram-vos ahi suas tendas;
Quanta cousa é alli perdida?
Ceias imigas da vida,
Imigas mais das fazendas.

XVII

D'isto o cheiro, d'isto a côr:
Que preço não tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Todas a saberem mal.

XVIII

Onde se ha de lançar tanto,
Aquillo é pagar o pato,
Emfim quando me levanto,
Ou hei de morrer de espanto,
Ou se não m'espanto mato.

XIX

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja:
Soiã ser convidadas
Vontades, agora é inveja.

XX

Entra comvosco a manhã,
E' já dia, e pedis vellas,
Em tal ceia cortezã,
Quanta iguaria que ha vã
Afóra a das escudellas.

XXI

Os bons convites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Eram para conversar
Os parentes e os amigos,
E não para arrebear.

XXII

E de viver juntamente
Houveram convites nome,
Claros aos olhos da gente,
Porque vissem que sómente
Alli se matava a fome.

XXIII

Aquella ufana rainha
Irmã do vil Tholomeu,
Que o rico pendente deu,
Prodigamente á cozinha
De um grande banquete seu.

XXIV

Vendo tudo ir-se a perder,
Os amigos convidava,
Não já para os vér comer,
Mas para juntos morrer
A tal convite os chamava.

XXV

A vossa fonte tão fria
Da barroca em julho e agosto,
Inda me é presente o gôsto,
Quão bem que nos ahí sabia,
Quanto na mesa era posto.

XXVI

Alli não mordida a graça
Eram eguaes os juizes,
Não vinha nada da praça,
Alli da vossa cachaça,
Alli das vossas perdizes.

XXVII

Alli das fructas da terra,
Que tem cada tempo a sua,
Colhida em sazão cada uma,
Nunca á vista o saber erra,
Nem o nome de nenhuma.

XXVIII

Oh! ceia do paraizo,
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem damnadas da licença.

XXIX

Desde hi o gôsto chamando
A outros mōres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando
Envôltos em tantas flores.

XXX

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro,
N'estes derradeiros annos,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

XXXI

Liamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão,
Que honraram a sua nação,
la-me eu passo a passo,
Aos nossos, que aqui não vão.

XXXII

Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto ávante fôra,
Mas não diz ora com hora,
Vão-se como ao fogo cêra.

XXXIII

Que troca, vêr lá Pasquinos
D'esta terra cento a cento,
Quem o vê sem sentimento,
Tratar os livros divinos,
Com tal desacatamento!

XXXIV

O que se não deve ousar
A lêr, se em gíolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar
Ao som de sua paixão.

XXXV

Esquecidos do conselho
Pudera dizer mandado
Sendo-o, porque foi vedado
No santissimo Evangelho,
Aos cães não deis o sagrado.

XXXVI

Almas, que sonhando andaes,
O muito não no troqueis
Por nada como o trocaes,
As perolas orientaes
Aos porcos não nas lanceis.

XXXVII

Jogareis, ó gente céga,
Sempre o jogo foi defeso,
Que tem todo o dia préso,
O triste que n'elle emprega
O seu tempo todo em péso.

XXXVIII

E desde o grou, té á fo'osa
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grosa,
Conversação perigosa,
Missa d'arrenegadores.

XXXIX

Mal sem emenda é o jôgo
Entre seus males maiores,
Um rei de grandes louvores
Mandou que puzessem fogo
A' casa e aos jogadores.

XL

Das leis antigas amigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre aqui consigo
Vae caminho das eternas.

XLI

Deixemos mil outros jogos
Que lá vão mil outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos,
De Herodes para Pilatos.

XLII

E aquelle grande alvorôço
De tambor, que a guerra chama,
Leva o velho e leva o moço,
E primeiro entra em destrôço
Que perca de vista Alfama.

XLIII

O' vida dos lavradores,
Se elles conhecessem bem
As vantagens que tem,
Aquelles santos suores
Que santamente os mantém.

XLIV

Tratando co' a madre antiga
Que de quanto em si recebe
Não entre engano ou má liga,
Por seu costume se obriga
A pagar mais do que deve.

XLV

Aquelles maiores nossos
Antigos padres primeiros,
Eram no comêço inteiros,
Eram santamente grossos
Sem mal como os seus cordeiros.

XLVI

Regidos da natureza,
Não tanto papel escripto
De que um reza, e outro reza,
Té cançarem sem certeza
D'onde jaz sómente o fito.

XLVII

Foi sem malicia, e sem erro
A boa idade dourada,
Seguiu logo a prateada,
Não tardou muito a de ferro
Que tudo trouxe á espada.

XLVIII

Quanta sombra, que apparece,
Tapae-me a bôcca co'as mãos,
Ora atraz, que não me esquece,
Tambem por cá se adocece,
Vão porém ares mais sãos.

XLIX

Por isso a gentildade
Que em tudo philosophava,
Ao Deus da saude alçava
Templo fóra da cidade,
Hi por ella se offertava.

L

E aquelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nem ás festas,
Nem á cidade mais vem,
Sempre só por fóra o vêm
Caçando pelas florestas.

LI

Hi que encontre c'um leão,
C'um urso que se erga em pé,
Certo que menos mal é,
Que onde elles tão bastos são
Que entr'elles se durma, e sté.

LII

Da cousa má claramente
Logo quem a vê se vella,
Chega-se a que branda sente,
Por isso á antiga serpente
Pintam rosto de donzella.

LIII

Quando os antigos alguem
Louvavam, não de senhor,
Não de rico era o louvor,
Chamavam-lhe homem de bem,
E inda bom lavrador.

LIV

A nossa gente, que quiz
Arremedar os louvores,
Que agora parecem vis
Aos bons reis Sancho, e Diniz
Chamavam-lhe lavradores.

LV

Os valorosos Romanos,
Que um tempo o mundo regeram,
D'onde cuidaes que escolheram
Cincinatos, e os Serranos,
Que ante si em campo puzeram ?

LVI

E aquella sua grandeza,
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza,
Sobrenomes de riqueza
Nao poz, antes da lavoura.

LVII

Inda hoje vêmos que em França
Vivem n'isto mais á antiga,
Na villa o villão s'abriga,
Onde tem nome de herança
Mantem-no a sua fadiga.

LVIII

Accende a frágua o ferreiro
Ao tempo, que o gallo canta.
Morde o couro o sapateiro,
Brada co'moço ronceiro,
Que ainda se envolve na manta.

LIX

Vive a nobreza por fóra,
Segura, os despovoados,
Correndo, es lobos ousados,
Por derredor d'onde mora,
Mantem livre o campo aos gados.

LX

Da má gente aventureira,
Que ás escuras tem seu trato,
Que possa livre quem queira
Cantando ir de noite á feira,
Ou dormindo no mulato.

LXI

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava,
Onde o somno a convidava,
Contente da cobertura
Tão rica que lhe o céu dava.

LXII

Bebiam d'agua com as mãos
Nas fontes inda em velhice
Melhor, que por vasos vãos,
Lavava ella aos peitos sãos
Antes da gargantoice.

LXIII

Jacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado
Pastor ao campo avezado
Passou o rio Jordão
N'ajuda do seu cajado.

LXIV

Como o sol no mar desceu,
Comeria do fardel,
D'agna no rio bebeu,
Sobre pedra adormeceu,
Poz nome ao logar Bethel.

LXV

Natureza nos pozera,
Como os olhos nos abriu,
Deante tudo o que viu
Que necessario nos era,
De tudo o mais se sorriu.

LXVI

Como uma ave já avezada
A toda a delicadeza,
E' melhor ajuizada;
Foge á gaiola dourada,
Vae buscar a natureza.

LXVII

Uma disposição má,
Longa enfermidade, e dôr,
Que de mal vae em peor,
Onde remedio achará
Se a natureza não fôr?

LXVIII

Cega da minha fadiga,
Que em vão tantas razões gasta,
Que fazeis, que vos obriga,
Deixar esta madre antiga,
E ir buscar a madrasta?

LXIX

Dos vossos nobres avós
As cruces em sangue abertas
Vos põem obrigações certas
Que não nas deixeis cá sós
A ser do musgo cobertas.

LXX

O que porém não dirão,
Em quanto cá tem tal feira.
Como é a de um tal irmão,
Que não ouve, o nome em vão
Do grão Nun'Alvares Pereira.

LXXI

Por toda esta grande Hespanha
Froais, que soiam chamar,
Fez em Perciras mudar,
Não do rei Mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.

LXXII

Do qual, não ha muitos annos
Um, que aqui Braga regeu,
Pondo á parte os longos pannos
Um passo dos Castelhanos
Á' espada defendeu.]⁴

LXXIII

Ao reino cumpre em todo elle
Ter, a quem o seu mal dôa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o péso, e com elle
Mette o barco n'agua a prôa.

LXXIV

E mais is-vos muito a ponto
Para qualquêr appetito,
E eu já ouví um conto,
Que a quem espreita, e está prompto
Não vades mudar o fito.

LXXV

Tereis lá conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas,
Passarão derivações,
Se já não fôrem passadas.

LXXVI

Traspozeram os amores,
E deixaram o paço ás cegas,
Ficarão por mantedores,
Rouxinoes assobiadores,
Pelas hortas de Enxobregas.

LXXVII

Vereis barcos ir á vella,
Uns que vã, outros que vem,
Como que se desavem,
Com uma viração singella
Tanta força a arte tem.

LXXVIII

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreçam
Pelas xarcias dos navios,
O que são, senão bugios
Posto que vos al pareçam.

LXXIX

Não hei por perda esta leve,
Que sejam palavras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senão dizei, quem se atreve
A dôr esperal-a laudo.

LXXX

São ellas porém já muitas,
Fel-as ir crescendo a mágua,
Lembrem-vos as vossas fructas,
Lembrem-vos as vossas trutas,
Que andam já por vossas n'agua.

A SEU IRMÃO

MEM DE SÁ

Carta terceira

I

Em quanto de uma esperança,
Em outra esperança andaes,
Trazer-vos quero á lembrança,
Que é mui leve, e não s'alcança
Vôa sempre avanto mais.

II

Cuidaes que estaes já com ella,
Quando vol-o mais parecee,
E quereis lançar mão d'ella,
Mette remos, mette volla,
N'um ponto desaparece.

III

Mas não pode o coração
Soltar assi levemente
Tamanha deleitação,
Ah que a tive na mão
Se fôra mais diligente ?

IV

Dos Alchimistas se diz,
Que é dôce a fadiga vã,
O desejo é mau juiz,
Deixae que o que hoje não fiz
Eu o farei amanhã.

V

Não lhes val vêr a fazenda
Perdida após experiencias,
Andam de emenda em emenda,
Da fornalha para a tenda
D'assopros fazem sciencias.

VI

Apórfiou, e subiu
Phaeton no carro do dia,
Que elle por seu mal pediu,
Sentiu-o a te ra, e sentiu
Um rio de Lombardia.

VII

Não soube Hycaro reger
As azas, que houve de seu,
Quiz subir, veio a descer,
Aos peixes deu de comer,
Ao mar o seu nome deu.

VIII

Após o que ha de cahir
Por alevantar andamos,
Sem repousar, sem dormir,
Alma, que pode subir,
A esta as azas quebramos.

IX

Em quanto um busca seus danos.
Outro já té os olhos jaz
Por muitas sortes d'enganos,
Morte que não conta os annos
Vem, e leva o que lhe apraz.

X

Quantos a que era devida
(Dos nossos, deixo os alheios,)
Ao menos por nós, mais vida,
Que por conta não sabida
Tinham já seus annos cheios!

XI

Vistes uma claridade
Que de cá té lá correu
Como raio, em tal idade,
Tanto saber, tal bondade
Assi desapareceu.

XII

Alma bemaventurada
D'aquelle moço tão nobre,
Chegou a uma alta assomada,
Tudo lhe pareceu nada
Quanto se d'alli descobre.

XIII

Um conde que inda alumia
Assi morto o reino, e a lingua
Outro depois de alta veia,
Tinham sua conta cheia
No tempo da nossa mingua.

XIV

Ao menos para esforçar
Os engenhos que atraz vem,
Que sõe a terra de os dar,
O váu é máu d'acertar
Se não no mostrar alguem.

XV

Pelo que, a este abrigo
Onde me acolhi cançado
E mais ainda com perigo,
E áquellas lettras, que sigo,
Devo que nunca me enfado.

XVI

Devo á muito minha amada
E só rica liberdade,
Que tive aos dados jogada,
Aqui sómente é mandada
Da razão, e da verdade.

XVII

Nas côrtes não pode ser,
Os tempos vêdes que correm,
Vêdes que a todo correr,
Vão muitos até morrer
Por fugirem d'onde morrem.

XVIII

Ora pôr peito á corrente,
Que sejaes forçoso, e são,
E de sangue inda fervente,
Grão nadador, claramente,
E' quebrar braços em vão.

XIX

Cançar, e sonhar privanças,
Dar de golpe á liberdade,
Rica por vãs esperanças,
Esses jogos, essas dansas
Passam com a mocidade.

XX

Ando limpando a pousada
Lembra-me quem diz que está
Ante a porta, bate, e brada,
Se a sentir despejada,
Por ventura que entrará.

XXI

Olhae as aves do ar
Almas a quem nunca esquece
Este haver, este ajuntar
Vêde las ledas cantar
Dizei-me que lhes fallece ?

XXII

Fracos de fé, de fraqueza,
Vem estes vossos suores,
Estes medos á pobreza,
Olhae como a natureza
Veste ricamente as flôres.

XXIII

Andando n'estes enleios
Em quantos erros cahimos,
Sem conto, sem fim, sem meios
Dormimos somnos alheios,
Os nossos não nos dormimos.

XXIV

Queremos o que outrem quer,
O que não quer enjeitan os,
Estamos sómente a vér,
Rimos o alheio prazer,
E inda quando choramos.

XXV

Como de casa sahia,
Sempre de seus olhos agua
A Heraclito corria,
Pelo que ouvia, e que via
Que de tudo tinha mágua.

XXVI

Em fim vendo o povo incerto
A pressa, que a errar levava,
Não soffreu tal desconcerto,
Fugiu para o campo aberto
Livres sem muro, e sem cava.

XXVII

Anaxagoras, que viam
Ter c'os povoados guerra,
Seus cidadãos reprehendiam,
Porque a um tal homem não viam
Lembranças da sua terra.

XXVIII

Da para quem eu nasci
Te ho grande, respondeu,
Não me julgueis por d'aqui;
E dizendo-lhes assi
Mostrava c'o dedo o céu.

XXIX

São Jeronymo alumiado
D'aquella divina luz,
Passava a vida apartado,
Das lettras acompanhado
Que nos consagram a cruz.

XXX

Aquelle peito seguro,
A quem todo o mundo é riso
A's torres altas, e ao muro,
Carcere lhe chamava escuro
E aquelle ermo um paraíso.

XXXI

Da nossa tão rica herança
Cegos, que razão daremos?
Como nos não faz lembrança,
Uma tão certa ordenança,
Do sol, e do céu que vemos?

XXXII

Elle posto, a noite traz
Comsigo tantas estrellas,
Com que formosa se faz,
Qual descuido pôde em paz
Alçar os olhos a vê-las?

XXXIII

Não se gaste mais pavio,
Após nossa alma esquecida;
Lançada do senhorio,
Tornemos atraz ao fio
D'esta a que chamamos vida.

XXXIV

Ponhamo'-nos em razão
Cousa é, que verá um cego.
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos dirão
E ninguem busca assocego

XXXV

Dizei-me, quando será
Que nos lembre, e que nos dêa,
Quão certa que a quêda está
Seguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa.

XXXVI

Que vejamos os que dêmos
Cousas sem preço, por preço
Que lhe tão baixo puzemos,
A que estado nos descemos,
E de quão alto começo?

XXXVII

Entre os brutos animaes,
Não se houveram por seguros
Os homens racionaes,
Eram bravos, e eram mais,
Fizeram as armas, e os muros.

XXXVIII

Agora, porque vos conte,
Quando vi, tudo é mudado,
Quanto me acolhi ao monte,
Por meus vizinhos defronte,
Vi lobos no povoado.

XXXIX

Um rato usado á cidade,
Tomou-o a noite por fora,
(Quem foge á necessidade)
Lembrou-lhe a velha amizade
D'outro rato, que alli mora.

XL

Faz um homem a conta errada
Muitas vezes, e acontece
Crescimento na jornada,
(Diz) e entrando na pousada
Cidadão logo parece.

XLI

O pobre assi salteado,
D'um tamanho cortezão,
Em busca d'algum boccado,
Vae, e vem sempre apressado
Sem tocar c'os pés no chão.

XLII

Ordena a sua mesinha
Poz-lhe n'ella algum legume,
Mesura quando ia, e vinha
Deu-lhe tudo quanto tinha,
Pede perdão por costume.

XLIII

Diz, quem tal adivinhara
Contra o cortezão severo,
Que tanto andara, e buscara,
Té que alguma cousa achara,
A quem tanto devo, e quero ?

XLIV

Cumpre porém n'esta mesa
Que haja mais fome, que gula,
Tem-lhe a fogueirinha accesa,
Faz rosto ledo á despesa,
Vê-a o outro, e dissimula.

XLV

E dizendo está comsigo,
Que gente a d'entre penedos,
Quanto á de Pedro a Rodrigo ?
Que bem diz o exemplo antigo,
Que não são eguaes os dedos.

XLVI

Ora depois de comer
Jazendo detraz do lar,
Começa o nobre a dizer,
Dois dias, que has de viver
Aqui os queres passar ?

XLVII

Na aspereza do deserto
Que não sei quem o supporte,
De urzes, e tojos coberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tão certa a morte.

XLVIII

Vive amigo a teu sabor,
Mais é que cousa perdida
Quem por si escolhe o peor,
Vae-te commigo onde eu fôr,
Lá verás, que cousa é vida.

XLIX

E depois que ambas provares
(Que eu d'outrem não adivinho)
Quando te enganado achares
Aqui tens os teus manjares,
E tambem tens o caminho.

L

Ai, disse, eis o villão
Em alvoroço e balança,
Ia e vinha o coração,
Ora sim, e ora não,
Venceu porém a esperança.

LI

E que póde hi al fazer,
Vive com tanto suor,
E mal póde inda viver,
Mal póde o anno vencer,
Sempre a sahida é maior.

LII

E diz, quem não se aventura
Não ganha, q' tem ha que o negue?
Escolheram hora segura,
Foram pela noite escura,
Guia o rico, o pobre segue.

LIII

Entram por paços dourados,
Cheirosos inda da ceia,
Tristes dos casaes colmados
Do sol, do vento queimados,
Pobre e faminta d'aldeia.

LIV

Vou-me por meu conto ávante
Mostra-lhe o cidadão tudo,
Que traz no buxo um infante,
Quem quereis que não se espante
Anda o villãozinho mudo.

LV

Que tão sómente em provar
Das cousas que mais lhe aprazem
Já começam de enjeitar
Fartos para arrebentar
Em lãs estrangeiras jazem.

LVI

N'isto o despenseiro chega,
Que estes bens não duram tanto
Vê-os, mas a pressa o cega,
Um tiro, ou dois mal emprega,
Corre-os de canto em canto.

LVII

Os cães á volta se ergueram,
Ladram, que é alto serão,
As casas estremeceram,
Todos juntos lá correram,
Foi dicto que os gatos não.

LVIII

Sabia o de casa a manha,
Sabia o paço e fugiu
O ratinho da montanha,
Aos pés em pressa tamanha
O coração lhe cahiu.

LIX

Emfim passado o perigo
Da morte, que ante si vira,
O coitado só comsigo,
Pelo seu repouso antigo,
Que mal deixára, suspira.

LX

Minha segura pobreza
Se chegarei a vêr quando
A vós torne, e esta riqueza,
Mal, que o mundo tanto preza,
Fuja se poder voando.

LXI

Ai, baldias esperanças,
Meu entendimento fraco,
Deixemos taes abastanças,
Taes riquezas, taes mostranças,
Deus me torne ao meu buraco.

A JOÃO RODRIGUES DE SÁ DE MENEZES**Carta quarta**

I

D.s nossos Sás Colonezes
Grã tronco, nobre columna,
Grosso ramo dos Menezes,
Em sangue, e bens de fortuna,
Que é tudo entre os Portuguezes.
Mas vós que sempre vos ristes
Do povo, que não vê mais,
Ricamente alma vestistes,
O mais tendes por demais.

II

Aos grandes, aos valorosos
Passados, de quem herdastes
Sobre nomes tão lustrosos
Desque nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos.

Bem podereis descansar,
Que tempos foram de paz,
Podereis rir e jogar
Como se na terra faz.

III

Mas entrastes n'outra affronta
D'outra nobre sêde cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vosso assocego,
Como de Catão se conta.
As letras que não achastes
Vós as mettestes na terra,
A' nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinham guerra.

IV

Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiam lêr,
Eram bons, eram ousados,
Eu não gabo o não saber
Como alguns ás graças dados.
Gabo muito os seus costumes
Dêe-me se hoje não são taes,
Mas das letras ou perfumes
De quaes veio o damno mais?

V

D'estes mimos Indian is
Hei grão medo a Portugal,
Que venham a fazer-lhe os damnos,
Que Cápua fez a Annibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Cápua viçosa
Venceu em tempo pequeno.

VI

D. Affonso d'Aragão
 Rei nunca louvado assaz,
 D'animo e de coração
 Tratava os livros na paz
 As armas na occasião.
 Ouvindo d'um rei, que a mal
 Tinha aos reis, que fôsssem lidos
 Dicto é, disse, de animal,
 Não de rei dos escolhidos.

VII

Um marquez de grande conta
 Por seu esforço e saber
 Para a paz e para affronta,
 A lança, soia dizer,
 C'os livros não se desponta.
 Este era a quem João de Mena
 Fez grande veneração
 Quando já tinha alta penna,
 Bem aparada, inda não.

VIII

Dois vencedores do mundo,
 Cesar e Alexandre, o Grande,
 Das letras foram té o fundo
 Em que fortuna não mande
 Ponho aqui Bruto, o segundo,
 E ponho os dois Scipiões,
 Fim (como dizem) fatal
 De Carthago, e dois Catões
 Pudera pôr Annibal.

IX

A fortaleza louvada
 Anda em braços c'o a prudencia
 Irmã sua muito amada,
 Põe-n'a ávante a experiencia,
 Tudo sem saber é nada.

Por forças nós que podemos?
Isso que é do saber veiu:
O bem todo está no meio,
O mal todo nos extremos.

X

Os poetas tocam tudo,
Jaz porém mais alto o cravo,
O hando pelo miudo,
O seu grande Achilles bravo
Ensinam Chyron sisudo,
Que lhe abrande aquella sanha
Sua, natural, que é muita,
Em uma cova soterranha,
Canta o velho, o moço escuita.

XI

Veados correm c'o vento
Egualmente, e dos leões,
Um só tem força por cento
De nós, tem seus corações,
Nós temos entendimento.
Por onde entre nós devemos
Estimar aquelles sós,
Que na parte em que vencemos
Nos vencem elles a nós.

XII

Quando dava homens a terra,
O que já tanto não faz,
Da paz tratavam na guerra,
Tambem da guerra na paz,
Agora em tudo nos erra.
Que tirando algum abrigo
Mui raro, no mais de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nasce joio e ervilhaca.

XIII

Diogenes em claro dia,
Ia buscando á candeia,
O que ninguém o sabia
Em Athena (em que aldeia?)
Ído e vindo assim dizia
Vou-me por aqui buscando
Entre tantos homens um,
N'este vão canção ando,
Inda não achei nenhum.

XIV

Deixemos queixas antigas,
Quero-vos dizer de mim,
Que d'estas vossas amigas,
Digo, as let'ras, para o lim
Ajunto como as formigas.
Porque ninguém me lançasse
Como a cegarrega em rosto,
Em dezembro que baiasse,
Pois que cantara em agosto.

XV

Perdido tudo no mar,
Sabindo o grão Zeno a nado,
Vendo a fazenda ond jar,
Assim, disse despeja lo
Me mandam philosophar.
Já vou sentindo algum fructo,
Cada hora espero que cresça,
Andei fóra, o vento muito
Fez-me grão mal á cabeça.

XVI

Tira-me a philosophia,
Que me promete saude,
Dá-me a mão, ella me guia,
Ouço falar a virtude,
Se a visse, sarar-me-hia.

Diz Platão que é dos melhores
Que de só pôr olhos n'ella,
Altos e accesos amores
Sempre teria com ella.

XVII

Como digo, eu só d'ouvir
Ando como homem pasntado,
Desejoso de a seguir
Chorando tudo o passado
Temendo tudo o porvir.
Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto uns maus inimigos
De casa a que muito temo

XVIII

A minha guia, este assento
De viver assim cá fóra,
Louva e dá-me atrevimento
D'ir ávante hora por hora
Em que assim cego e attento,
Sobretudo os bons doutores
Santos, louvam tal tenção,
Para cuidar nos amores
Tão certos no galardão.

XIX

Quem tanta força tivesse
Como cumpre a vida activa,
Que aos encontros se tivesse,
Virtude era ella mais viva
De mais fructo e interesse.
Por Rachel, que não por Lia
Sete e sete annos servi,
Póde ser por ella um dia,
Que inda voasse d'aqui.

XX

E entre tantos conselheiros
 Busco que andem ás verdades
 N'estes livros meus parceiros
 Não nas praças das cidades
 Amigos aventureiros.
 Amigos de louvaminhas
 Como grimpa ao vento o peito,
 Fazem como as anlorinhas
 Vão e vem com tempo feito.

XXI

Soph'istas me são defesos
 Com seus enganos e seismas,
 Eil-os soltos, eil-os presos:
 De fé, que não de sophismas,
 Quer Deus os peitos accesos.
 Que nas aguas encharcadas,
 Hi se ajuntam como rãs,
 Fazem grandes matinadas,
 Tudo são palavras vãs.

XXII

As musas me não defendem,
 Deixemos as demasias,
 Que a todo o são peito offendem
 Mandam rir de cousas frias
 De alguns, que agudezas vendem.
 Entendimentos diversos
 Com que artes nos encantam,
 Psalmos que são senão versos,
 E os hymnos que a Deus se cantam.

XXIII

Aquelles cantares finos,
 A que Lyricos disseram,
 Os Gregos e os Latinos,
 Dizei-me d'onde os houveram,
 Senão dos livros divinos?

Quantos que d'elles ao seu
 Trouxeram as aguas á mão
 Regou Pindaro e Alceu,
 Regou seus campos Platão.

XXIV

Mas o que eu por ora apprendo
 E' lér livros de g'olhos,
 Divinos, que mal entendo,
 Mas fôsem dignos meus olhos
 De cegar sobr'elles lendo.
 Que de seus mysterios altos
 Assim lobrigando vejo,
 Que não sou para taes saltos
 Porém suspiro e desejo.

XXV

Era em grande differença,
 Se casaria, se não,
 Houve de sahir sentença
 Que a só uma o coração
 Dêsse, e dêsse ás mais licença.
 Isto dicto, amor mais raro
 Deu signaes como era alli
 Outro som do cordel claro
 Outro das frechas ouvi.

XXVI

Amor, que estás sempre avindo
 Com Deus, que é a pura verdade
 Sejas por sempre bem vindo,
 Ao entregar da vontade,
 Que entrego ende aqui sentindo.
 Põe do teu fogo a esta casa,
 Faze quanto n'ella ha teu
 Que Deus é fogo que abraza.
 Sei-o de um privado seu.

A PERO CARVALHO

Carta quinta

I

No logar onde me vistes
D'agua, e do monte apertado,
E d'outras paixões que ouvistes
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.

II

Isto que ora ouvís de mim
Olhae se ouvís lá d'alguem,
Buscae, perguntae sem fim,
No desejado Almeirim,
No farto de Santarem.

III

Que tenção todos tomastes
A' terra que me criou,
De quem tanto praguejastes?
Por que, porque vos livrou
Da peste, com que hi chegastes?

IV

Fostes mal agasalhados?
Não certo, que até as fazendas
Vos davam parvos honrado,
Pois porque? porque os privados
Tinheis longe vossas rendas.

V

Homens que sempre aos proveitos,
E a vosso interesse andaes
Vestidos de falsos peitos,
Quão pouco que vos lembraes
Dos sãos, dos communs respeitos.

VI

Por esta causa se vé
Differença nos conselhos,
E chega inda o mal até
Desacreditar nos velhos
A sã prudencia e a fé.

VII

O que eu por parcialidade,
Nem outro respeito digo
Da antiga e nobre cidade,
Sou natural, sou amigo,
Sou porém mais da verdade.

VIII

Com o vos partistes d'ahi
Logo abrigados achei,
Onde me desencolhi
Seguramente dormi,
Seguramente velei.

IX

Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro,
Que inda vimos com espanto
A tão pouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto.

X

Rei, a quem se Deus mostrou,
Rei, que tantos reis venceu,
Rei, que taes reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que até Sevilha correu.

XI

Outro rei nos o sem mal,
Que lhe empeceu a bondade
O quarto de Portugal,
Qual teve elle outra cidade
Que lhe fôsse tão leal?

XII

Qual a sua fé salvou.
Por tanto perigo e medo,
Qual outra tanto esperou,
Qual outra as chaves mandou
Ao rei já morto em Toledo.

XIII

Mas tornando ao abrigado
Onde me furtei aos ventos
Hi depois de mim tornado,
Que rir, que esmorecimentos
Do tempo tão mal gastado!

XIV

E o fogo que se ora accende,
A presteza das mudanças
Mal, que tão longo se estende
As vidas curtas defende
Tomar longas esperanças.

XV

Giges na sua abastança,
Que de toda a parte ajunta,
Luchado em tanta bonança,
Apollo um dia pergunta
Pela bemaventurança.

XVI

Tal fumo Apollo entendendo
Julgou por melhor estado
O de Glao, que pastor sendo,
Se ia cantando e tangendo,
Olho sómente ao seu gado.

XVII

O' ricos que esta riqueza
Está no contentamento,
Mais tem quem mais a despreza
Não foge o rico avarento
Por mais que fuja á pobreza.

XVIII

Onde mais pôde caber
Signal é de logar vão
Que se pôde ainda encher,
Os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.

XIX

Por faminto que venhaes
Morto com séde, ou com frio,
Do fogo onde quer que achaes,
Vae muita agua pelo rio,
O monte dá que comaes.

XX

Quem a appetites dá crença,
Uma mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Signal de uma má doença,
Quanto mais agua mais sede.

XXI

Tem cobiça a bôcca aberta,
Isto que te assim parece,
E traz que andas tanto alerta,
Luz de fóra e résplandece,
Dentro não ha cousa certa.

XXII

O juizo e a razão ata,
Tudo deixa escuro e em erro,
As leis de Deus desacata,
Do tão mole ouro e da prata
Fez duras prisões de ferro.

XXIII

Esta entrada em nossos peitos
Fez n'elles estragos taes,
Que ermos ficam, e desfeitos
Abertos por mil portaes
A todo o vento sujeitos.

XXIV

Quem não fará? pois trocar
Nos fez a paz pela guerra,
Fez uns aos outros matar,
Passou de vivenda ao mar
Homens naturaes da terra.

XXV

Escravos, mais que os escravos
Por razão e por justiça,
Deixae-vos de tantos gabos,
Que vos vendeu a cubiça,
A mar bravo, e a ventos bravos.

XXVI

Esp'ritos vindos do céo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceu,
Porque nada vos vendeu,
Melhor fôra antes de graça.

XXVII

Metaes de tão baixa liga,
Que nos na terra escondera
Natureza, mãe, e amiga,
Entre nós, e elles puzera,
Tanto trabalho, e fadiga.

XXVIII

Serviu de mór appetito,
(Disseram fortuna, e inveja)
Em fim seu feito, seu dicto,
Para al creado o espirito,
Isto só sonha, e deseja.

XXIX

E porém que são ? engano,
Que mais uma mãe fizera,
Afastava-nos o damno
Aos filhos que á vida dêra,
Accesa de amor humano.

XXX

Mas que pode aproveitar,
Se lhe fazemos tal guerra,
C'o continuo trasfegar,
Ora revo'vendo o mar,
Ora revolvendo a terra.

XXXI

Nas minas altas que digo
Revôlta a terra tô o centro,
Que faz o homem inimigo
De seu repouso lá dentro
Com tal trabalho, e perigo ?

XXXII

Debaixo da terra fria
Haja vergonha a razão,
Haja alma que mais devia,
Que deixando atraz o dia
Pela noite avante vão.

XXXIII

Não tem termo homens ousando
De seu siso em desamparo,
Tudo fôram apalpando,
Té pelo ar sôlto e raro
Houve quem fôsse voando.

XXXIV

Gente que não teme nada
C'os medos se desafia,
Por mares sem fundo nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

XXXV

Não é para tanto a vida
Quanto melhor escolheu
Quem na dorna ao sol volvida
Viveu mais rico, e morreu,
Que Crasso, que Creso, e Mida ?

XXXVI

Fugindo Crates ao ouro
Mais que um cobarde ao ferro
E as cousas de mau agouro,
Lançou ao mar gran thesouro,
Quem fará agora tal erro ?

XXXVII

Por força a cidade avida,
Respondeu ao inimigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudó o meu levo commigo,
Deixo a fortuna corrida.

XXXVIII

Aos d'Esparta naturaes,
Responde Apollo a seu rôgo,
Se a liberdade estimaes,
Velaes-vos d'este ouro mais,
Que do ferro, nem do fogo.

XXXIX

Do grande Epiteto o nobre
Espírito, só livre, e franco
N'um corpo coitado, e pobre,
Escravo, e ainda manso,
Quanta de riqueza encobre ?

XL

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledo a ella torna,
O mesmo que ia esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montava que dorna?

XLI

Jesus Christo busca obreiros,
Não nos quer despedaçados,
Quer os seus de todo inteiros
Dos corações alugados,
Poucos são os verdadeiros.

XLII

Gente de vontade dura
(Diz elle) que não andaes?
Em quanto esta luz vos dura,
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhaes.

XLIII

Não seria eu isto vendo
De juizo, e razão sã,
Andar mais dias perdendo,
Comecei antes manhã,
Não sei que andava fazendo.

XLIV

Ia-me enjoado assi
Ao som por onde os mais andam
O he bem cada um por si,
Que estes bens falsos d'aqui,
Se não são mandados mandam.

XLV

Os desejos são sem termo,
A esperança é saborosa,
Eu contentei-me d'este ermo
Pela razão que a raposa
Deu ao leão, que era enfermo.

XLVI

Meu rej, meu senhor Leão
Olho cá, e olho lá,
Vejo pégadas no chão
Que todas para lá vão,
Nenhuma vem para cá.

XLVII

Essa Circes feticheira
Da côrte tudo tresanda,
D'este faz Onça ligeira,
Lobo outro, que á carniça anda
Outro cão que a caça cheira.

XLVIII

Alguns papagaios vão,
Outro uso direito em pé
Cada um de sua feição,
Outro gamho ermilão
D'estes que vem de Guiné.

XLIX

Cantam ao passar sereias,
Que fazem adormecer,
Correndo todas as veias,
De tal somno as deixam cheias,
Que se não pode homem erguer.

L

Vou c'o pensamento, e venho
E ao meu medo devo muito,
Por quem livre me sustenho,
Pelo que vi, e que escuto
N'isso, que tenho, assaz tenho.

I

Do com que eu folgo, outros riei.
Cada um terá sua escusa:
Já vos dei muitas por mim,
Estas cousas são em fim,
Como d'ellas homem usa.

LII

Sejam razões poderosas,
Olhae, que o ferro se deu
Para cousas proveitosas,
Depois este meu, e teu
Fez d'elle as armas damnosas.

LIII

O fogo, que nos foi dado
A tantas necessidades,
Que ser não pode apresado,
Fará, e fez no passado
Em pó já muitas cidades.

LIV

D'este engenho, que diremos?
De quem nós taes gabos damos?
Com quem tudo acommetemos?
Quantas ve es d'elle usamos
Mal, e como não devemos?

LV

Dom do céo nosso especial,
E veio a ser todavia
Este homem racional,
Tão agudo no seu mal,
Como outrem n'artilharia.

LVI

A fins tão desordenados,
Que remedios se offerecem?
Diz S. Paulo, homens errados
Se os odios entre vós crecem,
Comer-vos-heis aos boccados.

LVII

O nome da ociosidade
Sôa mal, mas se ella é sã
Bem occupada, é bondade,
Socrates, da liberdade
Lhe chamava sempre irmã.

LVIII

Dou-vos Enio por auctor,
Quem não sabe usar do ocio
Cança, e anda derredor,
Vem a ter maior negocio,
Que um grande negociador.

LIX

Porque este sabe após que anda,
Aquelle assi não se entende,
Quanto anda, tan'o desanda
Não se obedece, nem manda,
Ora se apaga, ora accende.

LX

Vêl-o ir, vêl-o tornar,
Vêl-o cançar, e gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a côr, e perder,
Que se não pode topar.

LXI

Mas eu porque passa assim,
Que seja muito, direi,
Dias ha que me escondi,
Co'que li, co'que escrevi
Inda me não enfadei.

A D. FERNANDO DE MENEZES

Carta sexta

Guadalquivir arriba a rica praia
Vistes tão perigosa, e as maravilhas
De que contaes, que ouvindo homem desmaia.

Vistes armadas tantas armadilhas
Aos olhos, e entre outros entremezes
Pescar com redes d'ouro das Antilhas.

Senhor meu D. Fernando de Menezes,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,
Em tempo d'hespanhoes, e de Francezes.

Os jardins de Valença d'Aragão,
Onde amor vive, e reïna, onde floresce,
Por onde tantas embuçadas vão.

Mas isso assim, direi que mais parece
As cousas de Sevilha soterranhas,
Onde a vida em prazer desaparece.

Quem não dirá também que são patranhas
As covas, que allí vistes ser verdade ?
Sabeis de que lhe vem ? de ser tamanhas.

Espreita onde vê a rica ociosidade
Amor, a seus prazeres sôlta, e a vã
Desenfreada prodigalidade :

Inimiga das leis santas, e da sã,
E boa temperança, e vida pura
D'ess'outra vida Sevilhana irmã.

Aquelles são seus parques, hi assegura
Os seu estados grandes, as suas côrtes,
Alli é grão senhor, dura o que dura.

Por ahi passeia, e vae a seus deportes,
Vive allí Salamandra no seu fogo,
Que a elle a vida dá, e aos seus mil mortes.

De quem se elle apodera, entrando logo
A liberdade foge, e nunca mais,
Em quanto o hi sente torna a risa, cu jogo.

Mas tornemos ás novas que me daes
Das senhoras, das casas, e das sédas,
Pedraria, que cega os avenças.

Para onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, e prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.

Quem se allí chega aos lanços desatina,
A primeira aventura é a do siso,
Que logo perde, tudo á banda inclina.

Alli o saber, allí o brando aviso,
As boas partes todas quantas são,
Nobreza, e parecer é tudo um riso.

Vendendo ellas o seu sempre em pregão,
Cousas que em tendas se acham por um nada,
Regateiras crueis, por quanto as dão ?

Que cegueira esta é já tão costumada,
Em todo o tempo, em toda lei, e idade,
Quem mais leva na bolsa, esse arrecada.

Não falemos n'aquella enfermidade
De seus validos que é como se acerta,
Por appetites só, por leviandade.

Que não se pode dar ahi regra certa,
Senão que assim lhe apraz a quem se obriga,
Que dos mais é cada um como se offerta.

Quem dirá ora que n'isto a gente antiga,
Que tanto viu, viu pouco, do costume
Cega, e d'esta baixa humana liga?

Entrando o tempo mais, entrou mais lume
Suspirou-se melhor, veio outra gente
De que o Petrarcha fez tão rico ordume.

Eu digo os Proençaes, que inda se sente
O som dos brandos versos, que entoaram
As suas musas brandas, brandamente.

Depois, ah que vergonha, em fim tornaram
A cahir muitos n'este amor vicioso,
O fino, os peitos finos o salvaram.

Escrevem, que um philosopho famoso
Tentado d'essa Lais, por quem se chama
O porto de Corintho perigoso,

D'essa a quem todos vér vinham por fama
De sua formosura, ficou tal
Que vencer tornou, vencida a dama.

E mais quando o perdão era geral
A todos n'este caso, tanto a usança
A dar culpa, e desculpa pode, e val.

Porém de uma tamanha confiança
De si, de tal constancia, em taes amores,
De um só seja aquí dito em tal lembrança.

Enxameia este mundo, e dá das flôres
Como lhe apraz a grande natureza,
Dos santos não me metto em seus louvores.

Que não se atreve a tanto esta rudeza,
Do baixo estylo meu, da fraca veia,
Que entendo, e não me engana sua pobreza.

Ora estaes já na cõrte onde se ateia
Para vós outra frágoa, outra contenda,
Outra prisão mais nobre, outra cadeia.

Onde, nem tudo leva a grande renda,
Nem a negociação, que isso seria
Tirar poder ao Amor, dal-o á fazenda.

Amor é senhor grande, e não se guia
Pôr interesses vis, dar, e tomar,
E seu trato não é de mercancia.

Amor é um bem que corre sem parar,
Que não sabe pôr nódoas de suspeitas
Na fé, nem inquirir, nem duvidar.

Não ergue ao ar figuras contrafeitas
Como vemos ás tardes nuvens raras
Em pouco espaço feitas, e desfeitas.

Não tem contra signaes, nem almenaras,
Não manda escuitas fóra, ahí é paz boa,
Correm das fontes claras, aguas claras.

Quão longe do outro cego que ao ar võa,
Tudo desassocegos. e queixumes,
Cuidaes que is vento á popa, is vento á proa.

Tudo desconfianças, e ciumes,
Uns nadas que porém fendem d'agudo,
Reina no povo, e segue os seus costumes.

Este tudo é falar, o outro é mudo,
Ouçam-se os corações, que ouvidos tem,
Mais certos, e outros olhos que vêem tudo.

Que os peitos passam, da banda d'além,
 Como o sol dando luz n'uma v draça,
 Os claros corações claros se vêem.

Verdade é que estes tempos não dá graça,
 Essa que dar soia no passado
 Que sahir não no deixa tanto á praça.

Teme-se d'um inimigo apoderado
 Da razão, que só sonha India, e Brazil,
 Té que cada um de lá torne dourado.

Lançou-nos a perder engenhos mil,
 E mil, este interesse que haja mal,
 Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.

Os Momos, os serões de Portugal
 Tão falados no mundo, onde são idos,
 E as graças temperadas de seu sal?

Dos motes o primor, e altos sentidos,
 Os dictos avisados cortezãos,
 Que é d'elles? quem lhes dá sómente ouvidos

Mas deixemos ora ir queixumes vãos,
 Assim foi sempre, assim sempre será,
 Trocam-se os tempos, fogem d'ante as mãos.

Não védes quantas voltas que o sol dá,
 Ora apparece, ora desaparece,
 Que debaixo do céo cá quedo está?

O que hontem muito aprouve, hoje aborrece,
 Dão volta as cousas todas a revezes,
 N'um poço sobe um balde, e outro desce.

Mas vós, ó bom D. João, vós de Menezes
 D. Manuel, que tempos taes lograstes,
 Chamar-vos-hei ditosos muitas vezes.

Que com tanto louvor aqui cantastes,
 E com tal voz, que ainda eu alcancei
 Os derradeiros échos, que deixastes.

Depois de fóra parte aqui escutei,
E ouvi cantares, fóram elles taes,
Que eu tambem transportado os meus cantei.

Ora outra vez a vós senhor que andaes
N'aquella viva força d'essa idade,
De que os amores se apoderam mais.

Não me seja contado isto a vaidade,
Mas eu não vejo aqui cousa mundana,
Que tão pouco pareça á humanidade.

Quem cuidando terá por obra humana
Uma alma que tão firmemente escora
Que o poder da fortuna não a abana.

Alça-se o espirito, e vae de foz em fóra
De todos os sentidos, só por si,
Ouve, e vê de que vive hora por hora.

De tudo quanto o mundo presa, ri,
Tudo lhe é (como dizem) nevoa, e vento,
Passou-se a corpo alheio, e vive alli.

Buscou, e poz tão alto o fundamento
Que por cousa que veja, ou que aconteça
O mesmo é no prazer, que no tormento.

Ahi se acaba o seu bem, onde começa,
Faz como Aguiã aos filhos que os engeita,
Se a vista ao Sol d'algun vê que enfraqueça.

Assim toma aos cuidados conta estreita,
E aquelle, que ser bom claro não vê,
Não é dos seus, a conta em nada é feita.

E assim só abraçado com sua fé
Sem querer nada mais, ahi se adormenta,
Que riqueza grandissima aquella é
Que uma parte só viva, outra não senta.

A UMA SENHORA MUITO LIDA

EM NOME DE CERTO SERVIDOR SEU

Carta septima

Cuidando em vós senhora no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei com que ousadia ante vós venho.

Por dom da natureza, posta a cima
De tudo o que aqui vêmos descoberto,
A que é tão necessaria a vossa lima.

Occasiões esperando, e algum acerto
(Que tudo é cheio d'acontecimentos)
Quantos males passei? quão encoberto?

As esperanças fôram-se co'os ventós
Dias ha, se eu tivera visto alguma,
Mas bem é que assim vão, vão pensamentos.

Senhora, quanto sol, e quanta lua,
Em quanto eu cuido, e temo, se me vão
Vivendo triste sem vida nenhuma.

Cuidava eu que valesse esta razão
Com quem tanto ella val, val pouco em fim,
Nomes custosos, que remedio não.

Commigo a braços a que estado vim?
Lidando noite, e dia, em fim quebrados
Uns me mostram ao dedo, outros se riem.

São fogos como os que vemos pintados,
Não chego a dizer mais, digo o que posso
Os d'alma só são os vivos, e os calados.

Não sei como não vistes este vosso
Espirito (em tanto tempo) onde assim val
Este nome de meu, e inda de nosso.

Nem como andaes cuidando tanto em al,
Que não vistes esta alma em tantos dias,
Que a vós só tem por bem seu principal,

E não se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, experiencia tanta,
Apurada em taes logos, e agonias?

Essa vista, que o mundo todo espanta,
Aquelle entendimento tão profundo
Quem o cega assim n'isto, quem o encanta?

Hercules tão falado pelo mundo,
Que trabalhos venceu? porém a dura
Madrasta não cançou té vér-lhe o fundo.

Em fim vendo-o no fogo, já segura
Seus olbos farta, mas as immortaes
Honras, que se lhe devem, torna escura.

Julgam-se as cousas pelos seus signaes
Melhor, que por palavras, que farei?
Tudo me lembra, e tudo por demais.

Tyrannia cruel, áspera lei,
Que assim quer o que quer, brava opinião,
Abasta, assim me apraz, assim mandei!

Tirando seu logar sempre á razão,
Mas a culpa é d'Amor, que envolve tudo,
Deixae chamar os seus por elle em vão.

O duro, o brando, o sem siso, o sisudo,
O velho com suas lagrimas piedosas,
O moço aos sobresaltos bronco, e mudo.

Amor tem cheio de armas victoriosas
(Em padrões altos) tudo ao derredor,
Pelas façanhas suas espantosas.

Poderoso, absoluto, e só senhor,
Os Deuses tem os fados sobre si,
Livramento o que quer, só pode Amor.

Os santos juramentos, ora assim,
Ora assim feitos, passa em graça, e riso
Té d'alagôa subterranea ri.

Não se pode falar estando em siso
Nas grandezas d'Amor, cumpre que esté
O entendimento do corpo diviso.

O que ao baixo do nivel nosso se vê,
Tudo tambem é baixo : estes sentidos
Levemente enganados, não dão fé.

Os remos n'agua parecem torcidos,
Os olhos nos enleia um jogo leve,
De mãos, e assim se enganam os ouvidos.

Bem sabeis vós, senhora, o que se escreve
De dois pintores nobres a porfia,
Em que cada um vencer o outro se atreve.

Fructas pintou um d'elles, que de dia
Vinham as aves comer, outro d'um véo
Pintado fez, que a sua obra escondia.

Vêde quanto a arte pode ? não valeu
Alli vista, e saber, o véo de deante
Mandava alevantar o que perdeu.

Diz led o vencedor (fôste bastante
A enganar aves) que victoria a minha
Enganando um pintor tão posto avante.

Aquelle leve Grego que ia, e vinha
Com tanta ligeireza, e tal fervor,
Que os pés voavam, e quedo o corpo tinha.

Quando cuidavam que havia de transpôr,
Linda d'esse logar não se movera,
De que esperava premio apoz louvôr.

El-rei Agesilau que não puzera
N'isso cuidado, mais nã disse então.
Que afirmar, que jogral lhe parecera.

Ora tornando atraz, pouco mais são
Os nossos olhos, que esses dos morcegos,
Pois que umas cousas vem e outras não.

Seus thesouros, e seus ricos empregos
Alcançam-se por sorte grande, e rara,
Jazem em mui profundos, e altos peges.

Tanto ha que canço, que me desampara
O mesmo tempo, as forças deslallecem
Ai quanto custa uma esperança cara!

Queixas a alguns de fora isto parecem,
E quiçá que o serão, só alma o sente,
E estes olhos coitados que amollecem.

Entretanto que cuida a leve gente
D'esses que vemos tantos a milhares
Regidos só do caso, e do accidente.

Ondas, que aos ventos vão correndo os mares
Andabatas que ferem ás escuras,
E sem certeza dão por esses ares.

Estas seriam as desaventuras
Que Heraclito chorava em vida andando,
E Democrito ria, por loucuras.

Com muitas outras, que fazem grão bando,
Posto que serão sempre as principaes
As dos que assim se perdem, outrem buscando.

Meus desatinos, onde me levaes,
Vadiamente assim de monte em monte,
Ou (como dizem) por andorriaes?

Tomastes-me jazendo á minha fonte,
O caminho não mingúa, antes mais cresce,
Por muito que a razão clara desconte.

E não me basta o mal que me acontece,
Que é tanto em damno meu, senão a vergonha
Que de mim, e que d'outrem me recresce.

Que sorte tão extranha de peçonha,
Ando em busca de mim, não sei por onde
Em quanto esta alma tresvaria, e souba.

Aqui sómente a vã écho responde,
Que parece também que anda ella em busca,
Não sei porque cavernas se me esconde.

Quando o mundo esclarece, e quando embrusca,
Se eu suspiro, suspira, ah crueldade,
Tambem dirá por mim, este que busca:

Triste, que já não ando após piedade,
Sou em poder da dôr, entendo o erro,
Entendo o damno, entendo a vaidade.

Sigo umas sombras vãs, que nunca afferro,
De uma só folha que atravessa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mim já nada, por vós tudo temo.

À MORTE

DO PRINCIPE D. JOÃO

FILHO D'EL REI D. JOÃO, O TERCEIRO

Elogio

O principe D. João de Portugal
E' morto, ouçam a grande natureza
Que nol-o dera em mostras d'immortal.

Como poudes cahir tanta grandeza?
Como poderam os peccados tanto,
Que alcança a perda a toda a redondeza?

Eu digo os nossos, que no peito santo
Nunca peccado entrou, nunca entrou erro,
Bem se vê da sua gloria o nosso pranto.

N'esta terra já não, antes desterro,
Dae lagrimas sem fim ao mal infindo,
Edade pouco ha d'ouro, hoje de ferro.

Que mais vos pede a teia, que em se urdindo
Cortada foi, deluxo, e obra tão prima
N'um só momento tudo á terra é vindo.

Ah, que das cousas de tamanha estima
Não somos dignos! mostram-se sómente
Para subir por ellas ao de cima.

Seus olhos alevanta então a gente
Ao céo co'aquelle espanto, ergue o sentido.
E cuida no porvir, deixa o presente.

Aquelle real corpo bem nascido,
Entendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.

Ó grande, e rico Reino Lusitano,
Em tão pequeno espaço hoje tão pobre,
Para que foi tal bem, para tal damno?

Vãmente os olhos buscam aquella nobre,
Aquella só real mostra em verdade.
Que escurissima nuvem nol-a encobre.

Tudo é cheio de dôr, e de saudade,
Tudo de confusão, tudo é patranha,
E tudo o que cá vemos é vaidade.

A nossa grande, e rica sorte extranha,
Tal inveja te fez o fado duro?
Nossa não só, mas de toda esta Hespanha.

A quem contra idficeis fôra alto muro,
Ora envolvam-se as fontes, e aguas claras
Seja na terra tudo triste, e escuro.

Que longes tão formosos, que almenaras
Mostravas, mais cruel quando assim offendes
Menos mal se de longe ameaças.

Quando promettes mais, mais te arrependes,
 Contra nós manha, e força exercitaste,
 Quando será, cruel, que nol-o emendes ?

Cruel fado porcerto, que mudaste
 Uma tal claridade em noite escura,
 Porque contra nós tanto te assanhaste ?

Aquella mais perfeita creatura,
 Que nunca entre nós houve ; ah grave dôr !
 Metteste-a em uma negra sepultura.

O' que victoria a tua, ó que valor
 Contra um corpo tão tenro, e tenros annos
 Inda pediste ajuda ao cego Amor ?

O mundo tudo vento, e tudo enganoso,
 Que de aquelles triumphos, que das festas,
 Que haviam de tornar cedo em mais damnos

Sabe quem tudo vê, que logo eu d'estas
 Outras, que se seguiram me temi,
 Andando pelas sombras das florestas.

E pelos bosques onde me escondi
 Ha tanto já, guiado da influencia,
 Quando d'aquelle Inglez malvado ouvi.

Altissimo Senhor, tua paciencia
 Não se pode vencer posto na cruz
 Soffreste agora, e então sem resistencia.

Então perdeu o sol sua clara luz,
 E agora este sol nosso aborreceu
 A terra, e fugiu d'ella, e já não luz.

Assim me queixava eu, quando do céo
 Me senti reprehender, qual Job jazendo
 Com grave dôr, mas dôr mór me venceu.

Decima um ar singello ir-se movendo
 Ouvi claro dizer, ora que queres,
 Queixumes vãos, vãmente ao ar perdendo ?

Aquelle entre os nascidos das mulheres
Principe santo, foi-se a seu logar,
Vossos nada deixou, foi-se aos prazeres.

Vós lá debaixo que podeis julgar,
N'esse valle de lagrimas, e dôres,
Onde o mais que sabeis é só chorar ?

Gentes queixosas, vãos murmuradores,
Pois não alcançaes o grande, o alto conselho,
Convertei os queixumes em leuiores.

E os olhos levantae áquelle espelho
Que n'esta gran tormenta, como um faro
Védes nas mãos d'aquelle honrado velho.

O qual co'alta rainha exemplo raro
De virtude, o menino offerecera
A' santa protecção, ao firme amparo.

D'um santo natural nosso, a que erguera
De novo, um templo, claro tanto em tudo
Que as nevoas d'Amarante esclarecera.

D'onde a Deus torna, em voz louvando o mudo,
E o que pedras lançando vinha á gente
Repousado, tambem torna e sisudo.

Torna o aleijado são, torna o doente,
Milagres uns sobre outros á porfia,
A fonte mana, e não agua corrente.

E lembrae-vos tambem d'aquelle dia,
A'quelle santo martyr consagrado
Que é vosso protector na epidemia.

Qu'esse reino vos tem d'ella amparado,
Não se vos póde dar mais clara prova,
Que o proprio braço seu a el-rei mandado.

Dos altos céos, o céu geração nova
Vos torna a dar, e tudo o que fallece
No mundo, que com ella se renova.

Este avô tal, que tudo a Dens merece
 Antes os dois avós d'ambas as partes
 Lhe irão caminho abrindo em qua'lo cresce.

Despregando a bom tempo os estandartes
 Para lh'os entregarem victoriosos,
 Dois Romulos, dois Numas e dois Martes.

Se devo comparar c'os fabulosos
 Os altos feitos, de que será herdeiro,
 C'os mais cinco escudos gloriosos,

De que o seu lhe esmaltou o rei primeiro,
 Que a altissima visão viu, como vira
 Constantino a cruz alta c'o letreiro.

O que logo no Tibre se cumoria
 Contra o tyranno que impaciente jaz,
 Onde inda agora, parece, os corpos vira.

Diniz c'os outros passo, em guerra e em paz
 Honra das armas, honra d'os costumes
 Que ao novo succede sor grão logar faz.

E deixando no filho os seus queixumes,
 Que erros foram porém da mocidade,
 No mais esclarecido, e de mil lumes.

Assegurou em Hespanha a christandade,
 Vencendo os mouros, vencendo a cubiça
 De tão rico despojo, ó gran bondade.

Pedro, que amores teve c'o a justiça
 Real e não cruel inclinação,
 Fez Moysés, fez Samuel justa carniça :

A justiça conforma c'o a razão,
 E quer S. Paulo que se tenha aos reis
 Temor, não vae deante o estoque em vão.

Muda o tempo costume, muda as leis
 Humanas, está firme o natural,
 Isentos, olhae bem como viveis.

Não vos isentam para fazer mal,
Deixae-vos d'esses vossos argumentos,
Que não val ante Deus o que lá val.

Ora a ti torno, não brades tu aos ventos,
A antiga busca, busca a nova historia,
Toda ella é cheia d'acontecimentos.

Finalmente João da boa memoria,
Conhecerá o quinto neto Augusto,
Digno Sebastião de tanta gloria.

Por justissima lei, titulo justo,
Do pae tudo era, passou-se a melhor vida,
E d'essa lá não quiz mais pelo custo.

Não te nego porém, que era devida
Máguia a tal perda, mas entende, e crê-me.
Põe em Deus teu cuidado, alma esquecida,
E sómente a Deus ama, e d'elle treme.

FIM



INDICE

Noticia biographica.....	3
Esparsas.....	9
Cantigas.....	13
Vilancetes.....	29
Várias.....	41
A Antonio de Sá.....	43

Cartas

A el-rei D. João III.....	45
---------------------------	----

Carta segunda

A Antonio Pereira, senhor de Basto.....	61
---	----

Carta terceira

A seu irmão Mem de Sá.....	78
----------------------------	----

Carta quarta

A João Rodrigues de Sá de Menezes.....	90
--	----

Carta quinta

A Pero Carvalho.....	98
----------------------	----

Carta sexta

A D. Fernando de Menezes.....	110
-------------------------------	-----

Carta septima

A uma senhora muito lida em nome de certo servidor seu.....	117
---	-----

Elegia

A morte do principe D. João, filho d'el-rei D. João, o terceiro.....	121
--	-----





